

Sumário

Vida Espiritual

- 218 Carta de 4 de junho de 2007
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 220 Carta de 15 de junho de 2007
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 223 Carta de 13 de julho de 2007
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 225 Carta de 15 de agosto de 2007
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 227 O acompanhamento espiritual
Padre Javier Alvarez, Diretor geral

Desafios atuais

- 241 A universalidade da pessoa
Professor Henri Joyeux

Atualidade das Províncias

Visita dos Superiores

- 248 Mère Evelyne Franc e Irmã Marlene Rosa, Conselheira geral:
Visita da Província da Amazônia (Brasil)
Irmãs Anagilsa Sampaio Bentes e Maria Rejjane da Mata Dias, Filhas da
Caridade

Testemunho das Irmãs

- 251 Na Ucrânia: 1º Encontro em Sinak das Irmãs em missão no
território do ex-União Soviética
Participantes do Encontro
- 255 Província do Peru: a tragédia do terremoto
Irmã Marina Melendez, Visitadora do Peru

Notícias breves

- 258 - Prêmio “Servitor Pacis” 2007 (Província da África Central)
- Prêmio do “Prefeito de Dublin” 2007 (Província da Irlanda)
- 259 - Prêmio especial do “Jury” 2007 (Província da Irlanda)
- Prêmio do “Coração de Ouro” 2007 (Província de Roma)

História da Companhia

Especial do Centenário do nascimento de Mère Guillemin

260 Mère Suzanne Guillemin, Filha de Deus, Filha da Igreja,
Superiora geral da Companhia

IV – Mère Guillemin e o Concílio Vaticano II

Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos

MÈRE E. FRANC, SUPERIORA GERAL

A todas as Filhas da Caridade

Carta de 4 de junho de 2007

Minhas queridas Irmãs,

Este tempo ainda bem próximo do Pentecostes parecem ser o momento apropriado para escrever-lhes novamente sobre a beatificação de nossa Irmã Lindalva Justo de Oliveira.

Irmã Lindalva nasceu no dia 20 de outubro de 1953, ela era a sexta filha de uma família numerosa. Depois de ter permanecido em casa para ajudar sua mãe a cuidar de seu pai doente, Irmã Lindalva entrou na Companhia no dia 16 de julho de 1989 na Província de Recife, em **seguida à** morte de seu pai. Foi enviada em missão em 1991 para a Comunidade do “Abrigo Dom Pedro II”, em Salvador, Estado da Bahia. Sua vida comunitária foi curta, pois ela foi assassinada na Sexta-feira Santa, exatamente dois anos depois em 1993.

O processo de sua beatificação começou com uma aclamação popular. As pessoas ficaram **impressionadas** pela fé desta jovem Irmã, seu serviço dos pobres e sua fidelidade ao seu compromisso que a conduziu até o martírio. Isto também foi reconhecido pela Igreja e o decreto de beatificação foi assinado pelo Cardeal José Saraiva Martins, Prefeito da Congregação para a causa dos Santos. Deve-se notar que Irmã Lindalva é a primeira mulher a ser beatificada no Brasil e o Postulador assinalou que fora do processo de Santa Clara, São Francisco de Assis e Madre Teresa, nenhum outro processo foi tão rápido na história da Igreja. É uma graça extraordinária para a Igreja, para a Companhia inteira e evidentemente uma alegria muito particular para as nossas Irmãs do Brasil.

Uma Comissão já está **trabalhando** para preparar as celebrações da beatificação. Esta será realizada em Salvador - Bahia - Brasil no dia 25 de novembro de 2007, festa de Cristo Rei, num imenso estádio com a presença de mais ou menos 60.000 pessoas, todas podem facilmente imaginar toda a organização necessária! A Companhia será naturalmente representada por numerosas Irmãs das seis Províncias do Brasil.

O Padre Grégory, nosso Superior geral, o Padre Javier, nosso Diretor geral, todos os membros do Conselho geral e eu mesma representaremos a Companhia ao nível internacional. Entre os convidados estarão: Padre McCullen, Padre Maloney, Padre Quintano, Mère Duzan, Mère Elizondo e algumas outras pessoas. Os participantes brasileiros serão tão numerosos que somos obrigados limitar a duas Irmãs por Província o número das Irmãs vindas das outras Províncias da América Latina e do Caribe. A presença mais significativa será a da mãe de Irmã Lindalva e de seus doze irmãos e irmãs com suas famílias. Já podemos adivinhar a emoção que

os invadirá! As oito Irmãs que estavam no Seminário com Irmã Lindalva também participarão da celebração.

Embora não seja possível a cada Filha da Caridade que desejaria de ir para Salvador no dia 25 de novembro próximo, a Companhia no mundo inteiro estará certamente unida para celebrar este dia juntas. Brevemente, serão enviadas algumas sugestões para celebrações litúrgicas. Todas também receberão alguns folhetos sobre a vida de nossa Irmã em seus diferentes idiomas.

Trata-se de um **acontecimento** muito importante para a Companhia, minhas queridas Irmãs, e é também para cada uma de nós um outro momento de graça. Tudo na vida é sinal de Deus. Em tudo, um mesmo Espírito age, como São Vicente e Santa Luísa nos ensinaram tão claramente. Que esta passagem do Espírito, manifestada na beatificação de nossa Irmã Lindalva, **aprofunde** em nós esta Paixão por Jesus Cristo vivo e presente entre os mais pobres, em nosso mundo e no coração da humanidade.

Com minha dedicada afeição e união de oração,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

MÈRE E. FRANC, SUPERIORA GERAL

A todas as Filhas da Caridade

Carta de 15 de junho de 2007

Festa do Sagrado Coração de Jesus

Minhas queridas Irmãs,

Que Jesus, manso e humilde de coração, torne os nossos corações semelhantes ao seu!

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus, enraizado no mistério da Encarnação, era muito cara a Santa Luísa; era a fonte que saciava sua sede de Deus e que irrigava seu amor por suas filhas e pelos pobres. Estou pois, certa de que estamos unidas na oração para pedir hoje Àquele que é o Bom Pastor, o Servo por excelência, que nos conceda a ternura e a atenção aos pobres que colorem tantas páginas do Evangelho e que impregnaram totalmente a vida de numerosas Filhas da Caridade que nos precederam ou que vivem ... ao nosso lado.

Escolhi esta data para partilhar com vocês algumas notícias de família. Em primeiro lugar, parece-me importante evocar a situação tão penosa em que vivem nossas Irmãs do Líbano onde a violência que reina nos campos de refugiados palestinos faz correr o risco de desestabilizar todo o país. Lembremo-nos que em julho do ano passado, nossas Irmãs já se mobilizaram para acolher os milhares de refugiados que fugiam do sul arrasado pela guerra. Juntas, rezemos para que elas tenham a coragem de recomeçar e roguemos também para que cesse este ciclo de confrontos e que se instaure uma paz duradoura.

Nossas Irmãs da Venezuela também vivem horas difíceis, com efeito, novas leis parecem limitar sua liberdade na administração das Escolas e Obras Sociais. Elas nos pedem orações.

Cito apenas estes dois exemplos, mas eu sei que a universalidade da Companhia e a comunhão entre nós são sempre alimentadas pela atualidade recente, nossa página web e a leitura dos Ecos.

Em nome de todas, participei da reunião plenária da União Internacional dos Superiores Gerais (UISG) que se realizou em Roma no início de maio. Éramos 850 e fomos convidados a “tecer uma nova espiritualidade que gerasse esperança e vida para a humanidade”. Para esta tecelagem escolhemos cinco fios: “a mulher de mãos cheias e calosas, a terra e seu caráter sagrado, o diálogo inter-religioso como caminho espiritual, os imigrantes deslocados e o laicato”. Estávamos em grupos de oito, e depois de termos escutado cinco conferências sobre estes temas, pouco a pouco, graças às nossas partilhas, tecemos um texto-compromisso que se situa em linha direita com o Congresso de Vida Consagrada de 2004, Paixão por Jesus Cristo e Paixão pela humanidade. Esta reunião onde a oração e a partilha da Palavra apoiavam as atividades, fez-me lembrar das minhas recentes visitas às Províncias, seus compromissos em favor das mulheres exploradas, das pessoas marginalizadas, dos imigrantes, suas ações de sensibilização, projetos de colaboração, em favor da justiça social e o uso respeitoso dos bens da terra. Demos graças por este novo impulso dado a todas as Congregações e continuemos nosso caminho, com nossa especificidade vicentina, ao lado daqueles que o nosso tempo deixou para trás.

Outro acontecimento que eu vivi em nome de todas foi o Encontro de Aparecida, isto é, o Encontro da Conferência Episcopal da América Latina e Caribe no famoso Santuário mariano do Brasil, em meados de maio. Todas sabem que eu fui convidada pelo Papa Bento XVI com outros quatro Superiores gerais. Tive o privilégio de assistir e participar destes dias de oração, reflexão, partilhas num clima de respeito e de liberdade que reuniu aproximadamente 265 pessoas, das quais 160 membros eram (Cardeais, Bispos), 82 convidados (Padres seculares, Diáconos permanentes, Religiosos e Religiosas, Leigos, Superiores Maiores, representantes de Institutos seculares, Movimentos eclesiais e Organizações caritativas), 8 observadores vindos de outras Igrejas cristãs e mesmo um irmão de confissão judia e 15 peritos, notadamente teólogos. Para mim foi uma experiência de Igreja muito forte e uma excelente ocasião para compreender melhor a realidade do continente Sul-americano, que vive sua fé no Deus de Amor como o patrimônio mais precioso de sua cultura e que atualmente também enfrenta os efeitos perversos da globalização.

A imprensa evocou extensivamente o discurso inaugural de Bento XVI por ocasião deste encontro do Celam, bem como o resumo do documento final; eles constituem uma confissão de fé, um compromisso de conversão pastoral e de uma extraordinária renovação missionária para a Igreja, em todos os seus componentes, seja plenamente discípula e missionária de seu Senhor a fim de que os povos tenham n’Ele a vida.

A presença do Cardeal Rodé, de Irmã Alba Arreaga (que foi convidada a título de seu serviço pelo ensino católico no seio da Conferência Episcopal do Equador), de um Padre da Missão da Colômbia (para a comunicação) e de duas Filhas da Caridade da Província do México para um serviço de acolhimento, expressava de modo significativo o compromisso da família vicentina na missão evangelizadora de nossa Igreja.

Termino estas notícias de família assinalando que os Ecos de 2007 nos oferecem alguns estudos sobre Mère Guillemin. A este respeito, algumas Províncias tiveram a boa iniciativa de pedir às Irmãs que conheceram Mère Guillemin que coloquem por escrito suas recordações e que certifiquem seus textos com sua Visitadora e seu Diretor provincial. É um bom meio de salvaguardar a memória de uma humilde Filha da Caridade que foi também uma grande profetisa.

Depois da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus, celebraremos amanhã o Coração Imaculado de Maria. Lembremo-nos que o reverso da medalha milagrosa une os corações de Jesus e de Maria num símbolo de compaixão pelo sofrimento dos homens. Confiemos a Companhia ao Coração Imaculado de Maria, cheio de Deus. A ela que se alimentava da Palavra

para estar totalmente mais voltada para os outros, peçamos juntas, o sentido da contemplação e a perseverança alegre no serviço de Cristo nos pobres.

Com todo afeto e a certeza de minha oração nas intenções de cada uma de vocês,

Irmã Evelyne FRANC
Filha da caridade

MÈRE E. FRANC, SUPERIORA GERAL

A todas as Filhas da Caridade

Carta de 13 de julho de 2007

Minhas queridas Irmãs,

No meu regresso de uma visita fascinante às Irmãs das duas comunidades da Província de Dijon que servem com habilidade e alegria os pobres em Guiné equatorial, recebi uma grande notícia de família que eu quero comunicar-lhes oficialmente hoje, imaginando que algumas de vocês já o sabem.

No dia 6 de julho, durante a audiência concedida ao Cardinal José Saraiva Martins, Prefeito da Congregação para as causas dos santos, o Santo Padre autorizou a publicação dos decretos relativos aos milagres atribuídos à intercessão de vários Servos de Deus dentre os quais duas Filhas da Caridade, Irmã Guiseppina Nicoli e Irmã Marta Wiecka, o que significa que as nossas duas Irmãs serão beatificadas no próximo Ano. Magnificat!

Permitam-me resumir em grandes linhas a vida de cada uma delas prometendo dar-lhes mais detalhes nos próximos meses.

Irmã Nicoli nasceu na Província de Pavie na Itália em 1863, entrou na Companhia das Filhas da Caridade em 1883 na Província de Turim. Ao sair do Seminário, ela foi enviada para a Sardenha onde morreu em 1924. Toda a sua vida foi dedicada aos jovens, crianças de rua, meninas e mulheres. A exemplo de Santa Luísa, ela associou a preocupação da educação religiosa à da educação profissional.

Irmã Wiecka nasceu em Nowy Wiec na Polónia em 1874, entrou na Companhia em 1892 na Província de Cracóvia, depois cuidou dos doentes em Lvov, Podhajce, Bochnia e Sniatyn (cidade situada na Ucrânia atualmente) onde morreu em 1904. Deixou-nos, um pouco como Margarida Naseau, um exemplo de dedicação ao serviço corporal e espiritual dos doentes. Com efeito, ela morreu de tifo por ter substituído um funcionário que devia desinfetar o quarto de uma paciente atingida por esta doença.

Irmã Guiseppina e Irmã Marta viveram segundo o Espírito das Bem-aventuranças, realizaram o que o “Filho de Deus fez” para retomar uma expressão cara a São Vicente.

Cada uma delas, por sua vida de doação a Deus no serviço de Cristo nos pobres, enriqueceu com uma nova característica a fisionomia da Filha da Caridade que, através dos séculos, de Luísa de Marillac à Irmã Lindalva, personifica a ternura de Deus pelos pequenos e por aqueles que sofrem. Possam elas nos ajudar a encarnar a profecia e a esperança, agora e em todos os lugares, para e com nossos contemporâneos!

Com a certeza de minha oração e de minha fraterna afeição,

Irmã Evelyne FRANC
Filha da Caridade

MÈRE E. FRANC, SUPERIORA GERAL

A todas as Filhas da Caridade

Carta de 15 de agosto de 2007

Minhas queridas Irmãs,

A festa da Assunção da Virgem Maria me dá mais uma vez a ocasião de dirigir-me a todas para expressar-lhes o meu agradecimento e honrar Maria, Única Mãe da Companhia. Este ano, ela foi tingida, evidentemente, de tristeza depois da terrível tragédia vivida pelas nossas Irmãs do Peru.

Primeiramente, quero com esta simples carta apresentar-lhes o meu obrigada pelas mensagens de afeição e as manifestações de oração que chegaram à Casa-Mãe nestes últimos dias, vindas do mundo inteiro. Elas me tocaram profundamente e me impulsionaram a render graças pela Companhia, pelo que cada Irmã vive com Deus, com os Pobres e com suas Irmãs.

As Irmãs descrevem com amor, orgulho, dor, de acordo com as circunstâncias, as alegrias experimentadas, as dificuldades encontradas e superadas, os obstáculos aos quais enfrentaram. Estes últimos são geralmente consequência dos muros do desprezo, da injustiça ou da indiferença que isolam, marginalizam nossos irmãos e irmãs mais desfavorecidos, privando-os de sua dignidade e dos seus direitos fundamentais. Partilham comigo as tentativas para escalar estes muros, contorná-los, abrir neles algumas brechas em fidelidade à audácia profética de São Vicente e de Santa Luísa.

Suas mensagens evocaram assim para mim os rostos de crianças desnutridas, de jovens da rua, de mulheres exploradas e de idosos abandonados encontrados por ocasião de minhas últimas visitas. Lembrei-me dos serviços que cada uma oferece a eles, da proximidade de coração com eles, na alegria, perseverança e a compaixão.

Esta carta permite-me também partilhar com todas o meu amor pela Virgem Maria. Quem melhor do que ela revelou por toda sua vida a pequena frase que o Evangelho do 19º domingo do tempo comum nos ofereceu: “Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração” (Lc 12, 34? A Vontade de Deus é o tesouro de Maria; ela a busca e realiza plenamente graças à sua docilidade ao Espírito. Jesus, o Verbo, é certamente um outro tesouro de Maria, um tesouro esperado, recebido na alegria, depois oferecido e partilhado com todos com uma fé generosa e um esquecimento total de si mesma. Vejo também Maria guardando como um tesouro todos os homens e as mulheres que seu Filho lhe confiou ao pé da Cruz.

É a ela que nós confiamos Irmã Jesús Antonieta Perla Cavagneri (1932 - 1958) que foi Visitadora da Província do Peru de 1991 a 2000. Ela era Irmã Servente da Comunidade de Pisco (Escola “Santa Luísa de Marillac”) desde 11 de novembro de 2001. Confiamos-lhe também Irmã Elizabeth Rosário Oré Ventura (1962 - 1983). Ela foi Secretária provincial de 1995 a 2002. Havia chegado em Pisco em janeiro deste ano de 2007. As duas pereceram na

tarde de 15 de agosto no desmoronamento da Igreja durante a celebração da Eucaristia. Que elas descansem na Paz de Deus!

Elas continuarão amando e servindo sua Província do Peru que celebrará no próximo ano o 150º aniversário da chegada das Irmãs. Sei que a Companhia inteira compartilha a dor da Província do Peru e vive em comunhão com o povo peruano este momento de luto e de imensa dor.

A Assunção de Maria é a realização da profecia do Magnificat: “Deus eleva os humildes” e do chamado de Jesus: “Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso” (Mt 11, 29). Ela é sinal de esperança!

Com a certeza de minha oração e minha dedicada afeição,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

PADRE J. ALVAREZ, DIRETOR GERAL

O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL

Todos nós podemos precisar de acompanhamento espiritual e muitas pessoas podem ser acompanhadoras, de uma forma ou de outra. Podemos ser acompanhador e acompanhado ao mesmo tempo, isto é, podemos ajudar alguém e ser, ao mesmo tempo, ajudado por uma outra pessoa. Numa Província há pessoas que, em virtude do seu ofício, devem exercer um serviço de acompanhamento. Este é o caso da Visitadora, das Conselheiras, do Padre Diretor para a Província; das Irmãs Serventes para suas comunidades; das formadoras para as pessoas que lhes são confiadas. Há também muitas outras pessoas que podem acompanhar: Padres da Congregação ou outro, Irmãs, etc. O acompanhamento é um bom meio recomendado pela Igreja e pela Companhia para crescer na fidelidade à vocação recebida.

Quero começar com o que a C. 20b diz: *“O acompanhamento e a direção espiritual são meios eficazes para crescer no seguimento de Cristo. Para responder à vocação vicentina, as Irmãs dirigem-se a pessoas que conhecem o espírito da Companhia e estão aptas a ajudá-las, de preferência Padres da Missão e Filhas da Caridade”*. Nas Constituições de 1983 falava-se somente da direção espiritual. Nas atuais foi acrescentado o conceito de “acompanhamento”. Como podemos ver neste artigo 20, os dois termos usados são sinônimos. Porém, em outros artigos, o termo “acompanhamento” é mais amplo do que o da “direção espiritual”: acompanha-se os jovens, as Irmãs em processo de formação, as Irmãs em geral (cf. C. 31b; 51d; 65b; 75a; E. 42). Do ponto de vista da teologia espiritual, existe alguma diferença entre o “acompanhamento” e a “direção espiritual”? Como o próprio nome indica, na direção espiritual utiliza-se um método mais diretivo que no acompanhamento. Este, que começou a partir dos anos 70, dá todo o protagonismo à pessoa acompanhada e uma função secundária à pessoa que acompanha. O acompanhamento baseia-se na não-diretividade, tal como o psicólogo americano Carl Rogers a apresentou: *“A pessoa humana é bem feita. Se ela se encontra numa situação adequada, irão saindo dela seus valores latentes e as questões; deste modo e progressivamente, virão também as respostas adequadas”*¹. Seguindo as Constituições e a Teologia espiritual atual, nós utilizaremos o termo e o conteúdo do acompanhamento mais do que o da Direção espiritual.

Portanto, o acompanhamento supõe uma relação de ajuda sobre um plano de igualdade, não de superioridade como ao que aponta a direção espiritual. Evidentemente, esta ajuda num plano de igualdade não tem nada relacionado com um conflito de funções: aquele que acompanha tem uma função bem clara conforme veremos ao longo desta explanação. A passagem evangélica que fala de Jesus com os peregrinos de Emaús pode nos ajudar a compreender como deve ser o acompanhamento (cf. Lc 24, 13-35): Jesus caminha com os dois discípulos como um outro viajante a caminho, e ele estabelece um diálogo fazendo-os refletir, ao final, eles mesmos, descubrem a verdade e o que devem fazer. O discernimento, nesta passagem evangélica que acabamos de citar, termina produzindo uma sensação importante naqueles discípulos que estavam tristes e desanimados.

Neste artigo das Constituições que estamos comentando (cf. 20 b) há uma novidade importante que convém destacar: depois dos Padres da Missão, mencionam-se as Filhas da Caridade como pessoas capazes de acompanhar suas Irmãs. Todos nós estamos de acordo com esta proposição e contentes com esta escolha. Sabemos que em todas as Províncias da Companhia existem Irmãs que podem muito bem prestar este serviço. Por outro lado, a Igreja, a pastoral e a teologia espiritual estão de acordo que este ministério seja aberto a outras pessoas. Assim, Lola Arrieta, por exemplo, expressa seu pensamento de maneira significativa: *“Hoje em dia reconhece-se claramente que o serviço de acompanhamento não é reservado somente aos sacerdotes, como aconteceu em séculos passados, mas os leigos (religiosos e seculares, homens e mulheres), são chamados ao serviço e ao ministério de acompanhar na fé”*².

É verdade que há muitas maneiras de acompanhar. Por exemplo, o acompanhamento realizado através de encontros mensais sistemáticos com base num projeto pessoal é bem diferente dos encontros esporádicos. Evidentemente, entre estes dois extremos há uma grande variedade de formas de acompanhar. Sobre qual forma concreta de acompanhar vamos refletir, pois para cada prática, as reflexões são um pouco diferentes. Visto que a prática é muito variada, faremos uma reflexão global a fim de que todas as formas de acompanhamento sejam consideradas.

POR QUE UM ACOMPANHAMENTO?

A maioria das pessoas precisa e deseja uma comunicação profunda. Primeiramente nós temos uma necessidade primária de sermos escutados. Trata-se verdadeiramente de uma necessidade fundamental do ser humano: ele ou ela precisa partilhar suas convicções, seus projetos, seus ideais, seus medos, seus sentimentos. O não fazer isto significa que a pessoa deve continuar sua caminhada sem uma verdadeira companhia que a libere dos erros e dos fantasmas de sua própria subjetividade. Com efeito, falar de nossa vida interior faz com que nos libertemos. Portanto, um primeiro objetivo do acompanhamento é a escuta atenta que liberta. Em alguns casos, esta será a única forma de acompanhamento possível, e isto não é tão ruim. A pessoa pode sentir-se livre; o que significa que do ponto de vista vocacional, ela sentir-se-á animada em sua vocação de serviço e doação.

Um segundo objetivo do acompanhamento é de ajudar a pessoa em sua necessidade de discernir, isto é, de descobrir a vontade de Deus e realizá-la. Com efeito, freqüentemente as Irmãs passam por situações mais ou menos delicadas às quais devem dar uma resposta. Sabemos que esses momentos difíceis podem ser muito variados: situações pessoais ou familiares que exigem uma solução, os problemas de relação, as exigências do serviço concreto que elas realizam, a necessidade de discernir algum assunto de ordem espiritual, apelos que Deus faz à generosidade e que aquele que acompanha os percebe e os transmite em alta voz... É nestes momentos que o acompanhador ou o diretor espiritual pode ajudar a pessoa a ver mais claro sua situação e ajudá-la a buscar o que melhor convém, e mesmo talvez, o que Deus lhe pede. Nunca se deve esquecer que acompanhar é caminhar ao lado da outra pessoa para apoiá-

la com sua própria presença, para dar-lhe sua opinião sobre o caminho a seguir, para animá-la quando se cansa. A própria etimologia da palavra nos indica esta relação de ajuda sobre o plano da igualdade. Com efeito, a palavra “acompanhamento” vem de “companhia” que, por sua vez, deriva do latim “cum panis” (compartilhar o pão).

É evidente que o acompanhamento será diferente se se trata de uma pessoa adulta, de uma de meia-idade ou de uma jovem. A exortação apostólica *Vita consecrata* fala dos desafios próprios de cada etapa do caminho vocacional: idealismo, fragilidade, incoerência, inconstância nas Irmãs jovens; ativismo, rotina e desânimo nas de meia-idade; pessimismo e provações físicas nas de idade madura.³

QUALIDADE DA PESSOA QUE ACOMPANHA

Aquele que acompanha é uma mediação. Deve ser responsável neste serviço e estar permanentemente aberto à sua formação. Esta é verdadeiramente necessária para ele. Santa Teresa de Ávila é muito clara a este respeito: *“Precisamos muito de um mestre que tenha experiência, diz ela, pois senão, uma alma pode errar sem ser compreendida e sem compreender-se a si mesma. Porque, quando o espírito não compreende, a alma e o corpo são confundidos e não se tira nenhum proveito”*⁴. Hoje, muitos especialistas partilham a mesma preocupação. Lola Arrieta diz, por exemplo: *“Quem acompanha mal, não acompanha, mesmo se ele acompanha”*⁵. O *Diretório do Diretor provincial das Filhas da Caridade* também insiste sobre a necessidade da formação: *“visto que o acompanhamento e a direção espiritual são um ministério importante e delicado - diz o artigo 6 do Diretório, os Padres da Missão que exercem esta tarefa procurarão adquirir a formação necessária. Por sua vez, a Congregação pode oferecer alguns meios para este fim”*.

Certamente para ser um bom acompanhador precisa-se conhecer a espiritualidade própria da Companhia e possuir um pouco de conhecimento de psicologia (embora seja de uma forma natural), saber utilizar algumas técnicas simples de diálogo. Uma outra qualidade também necessária é a capacidade de empatia ou a capacidade de adaptar-se às pessoas, às situações e aos diferentes ambientes. É o que é mais contrário à rigidez mental. Não queremos dizer com isto que o acompanhador deva ter uma consciência relaxada para justificar os comportamentos negativos daquele que é acompanhado. Evidentemente que não, um bom acompanhamento não exclui por qualquer coisa a confrontação que leva a desmascarar os erros e as incoerências da pessoa acompanhada. É uma dimensão importante do acompanhamento, embora não seja a única. Possuir esta qualidade da empatia é ter uma grande sensibilidade para com as pessoas, ter a capacidade de vibrar com o outro e de compreender o que ele está vivendo.

Sem dúvida, a atitude mais importante que todo acompanhador deve ter é a de saber manter-se na docilidade ao Espírito Santo. O que significa isto? Significa que ele deve, antes de tudo, tomar consciência de que o ato de acompanhar ultrapassa suas possibilidades e suas qualidades porque é obra de Deus. O acompanhador não é o personagem principal e absoluto, ele é relativo e secundário. Sua função é de oferecer com toda simplicidade, uma ajuda ministerial como serviço ou uma ajuda subsidiária que é na realidade uma ajuda da graça. Nesta tarefa, o acompanhador está bem consciente de entrar em terreno sagrado onde Deus habita e age. Por consequência, neste lugar sagrado da pessoa é necessário saber como entrar e manter-se numa atitude de profundo respeito. O diálogo de Deus com Moisés quando Ele apareceu na sarça-ardente ilustra bem o que estamos dizendo: *“Moisés... tira as sandálias dos teus pés, porque o lugar em que te encontras é uma terra santa”* (Ex 3, 5).

Em segundo lugar, manter-se na docilidade ao Espírito Santo consistirá em ajudar a Irmã a estar atenta aos sinais de Deus ou a deixar-se interpelar pelo Espírito que, como nos

dizem as Constituições, se manifesta pelas necessidades dos pobres, os apelos da Igreja, os sinais dos tempos, as Constituições e os Estatutos (cf. C. 31b). O acompanhamento deve fazer constantemente referência a estes documentos e a estas orientações para que a Irmã oriente sua vida de acordo com a vontade de Deus.

O que deve estar bem claro para o acompanhador espiritual, o objetivo que deve orientar seu trabalho de acompanhamento, não é o de atingir uma autonomia pessoal, um comportamento independente, mas uma teonomia, isto é, uma dependência de Deus e uma configuração com Jesus Cristo, de acordo com as características da espiritualidade da Companhia, bem assinaladas nas Constituições. Esta teonomia que comporta uma autonomia relativa exige que o acompanhador saiba: manter uma certa distância e, chegado o momento, retirar-se para não criar dependências que impeçam o crescimento da pessoa. No Novo Testamento está bem claro, por exemplo, no relato de Emaús que já comentamos anteriormente. Uma vez que os discípulos compreendem o sentido dos acontecimentos vividos e descobrem o que eles devem fazer, Jesus desaparece (cf. Lc 24, 13-35). Nos Atos dos Apóstolos, Felipe acompanhou o Eunuco ministro da rainha Candace até que ele descubra e abrace a fé. Em seguida, *“cada um seguiu o seu caminho”*, nos diz a Sagrada Escritura (cf. At 8, 26-39).

A COMUNICAÇÃO NUMA CONVERSA

Podemos dizer que o acompanhamento se concretiza na comunicação. Nela o acompanhador adota uma atitude de escuta, de apoio, de conselho, de confrontação, de avaliação, de acordo com os casos, os conteúdos e os momentos da conversação. Também, a conversa, a comunicação, como já dissemos, ultrapassa o contexto das duas pessoas em diálogo, (acompanhador e acompanhado), pois o ambiente no qual se realiza a comunicação é o do Espírito de Deus. Nunca podemos esquecer que é o Espírito que participa ativamente à vida, mas que são eles (o acompanhador e o acompanhado) que têm a responsabilidade de serem os intérpretes da Boa Nova do Espírito. Isto é, na comunicação, o fio condutor e a finalidade já são determinados, assim como também o tipo de relação que se estabelece entre o acompanhador e o acompanhado: ambos buscam responder fielmente à vontade de Deus e ambos devem obedecer à sua voz. Portanto, o Espírito de Deus é a terceira pessoa da relação e da comunicação entre o acompanhador e o acompanhado, mas, sobretudo a mais importante. O acompanhador não pode esquecer que ele é um mediador entre o Espírito Santo e a pessoa acompanhada.

A comunicação ajuda a pessoa expressar e dar nome ao que ela vive, esclarecendo as situações pelas quais deve passar e, portanto, a fazer de tal maneira que ela possa compreender e julgar as coisas com mais serenidade. Todos nós sabemos muito bem que expressar uma coisa já é, de certa maneira, possuí-la. Logo, é muito importante que, no diálogo, a pessoa que acompanha saiba escutar. É muito importante também que a comunicação transcorra num clima de liberdade e de espontaneidade. Por outro lado, ter um fio condutor na conversação pode ser uma boa maneira para chegar a um diálogo fecundo e profundo.

Quanto aos conteúdos da comunicação podemos dizer que não há limite. Tudo o que atinge a Irmã deve interessar à pessoa que acompanha, quer seja importante ou não objetivamente falando, quer isto se refira ao aspecto externo ou interno. Não obstante, há alguns pontos que, por sua importância objetiva, convêm tratá-los. Falaremos de tudo isto mais adiante. Quem fixará o nível de comunicação no diálogo, pois como todos sabem há diferentes graus: é evidentemente a pessoa acompanhada.

O acompanhador não deve cair numa “identificação excessiva” com a pessoa acompanhada. Uma coisa é a empatia, a aceitação da pessoa, a capacidade de escuta atenta, a

proximidade fraterna..., tudo isto é necessário para um bom acompanhamento; e outra bem diferente é identificar-se tanto com o acompanhado a ponto de justificar todos os seus fracassos. Por outro lado, o acompanhado nem sempre é objetivo em sua comunicação, mesmo se sua versão dos fatos é totalmente coerente. Às vezes, o acompanhado (a) busca alguém que lhe dê razão e apoio; evidentemente, ela sempre procurará ser escutada e compreendida. Nestes casos, o acompanhador tentará sempre escutar, compreender e animar, mas, ao mesmo tempo, terá a precaução suficiente para não aprovar tudo, sobretudo se isto leva a desaprovação de outras pessoas. A pessoa que acompanha deve sempre construir sobre a base da verdade, mas na caridade, nunca sobre elogios fáceis porque senão se transformará num mau serviço. Também, uma identificação excessiva de ambos as impediria de permanecer no plano espiritual e estar atentas à voz do Espírito.

Uma segunda dificuldade no acompanhamento e na comunicação pode ser a impaciência ou o não ser capaz de respeitar os ritmos de cada pessoa. Repreender a lentidão ou o pouco esforço não é uma boa atitude para um acompanhador. Isso não é encorajar, nem estimular e, nem tampouco exigir. Não queremos dizer com isso que o acompanhamento não deva ser exigente. Isto é necessário principalmente num acompanhamento sistemático que tem como base um projeto pessoal com objetivos a curto e a médio prazo. Neste caso, a exigência leva em conta as possibilidades da pessoa e, as exortações deverão ser sempre estimuladoras para a pessoa. Outro perigo na comunicação é o dogmatismo ou a excessiva segurança de si por parte do acompanhador. É bom ter idéias claras e firmes, uma certa dose de segurança pessoal, mas não é a mesma coisa que conhecer de antemão os problemas e dar respostas imediatas impondo-as. Quem age deste modo demonstra não ter a mínima atitude de escuta e de respeito. Esta maneira de agir impossibilita o acompanhador conhecer em profundidade a situação que a pessoa acompanhada está vivendo. Em seguida, não cabe a ele impor ao acompanhado o que deve fazer, mas fazê-lo perceber sua situação do ponto de vista evangélico e vicentino, e depois, encorajá-lo a fazer o que é melhor.

No acompanhamento ou na comunicação, o acolhimento, o modo de receber a pessoa tem grande importância. Convém criar desde o início, um ambiente agradável, descontraído e cordial. Depois de um primeiro momento de saudações, convém ir centrando a conversação em torno dos temas próprios do acompanhamento. No diálogo, o acompanhador deve estar totalmente dedicado à conversação com seu interlocutor num clima sereno e tranquilo. Se acontecer o oposto como, por exemplo, olha o relógio, é sinal de que o que a pessoa acompanhada diz não tem muita importância para ele. É essencial deixar a pessoa falar, só interrompê-la quando for preciso. Apesar de tudo, o acompanhador deve manifestar de alguma maneira que ele escuta com atenção e interesse tudo o que a Irmã diz. Consentimentos com a cabeça, monossilábicas ou breves interjeições podem ser suficientes para mostrar esta participação afetuosa que prova que se acompanha a conversa com interesse. O silêncio prolongado pode causar mal-estar ou incomodo. Por isso, é melhor evitá-lo ⁶.

PONTOS ESPECÍFICOS AO ACOMPANHAMENTO

Como já falamos, tudo o que a Irmã propõe pode ser objeto de acompanhamento e de diálogo. Em princípio, não deve haver limites sobre estes assuntos: maturidade pessoal, virtudes humanas, convicções religiosas, questões práticas de ordem vital... No entanto, há três pontos específicos que não podem faltar no acompanhamento, aos quais vamos nos referir a seguir:

1. O acompanhamento na vida espiritual

É preciso distinguir as convicções e as práticas. É evidente que se pode fazer um acompanhamento sobre as convicções. Este consistirá em ajudar a Irmã a fundamentar sua

vida sobre convicções evangélicas sólidas. Sabemos que se estas faltam isto vai gerar muitos problemas comunitários, problemas relacionados à vocação, ao sentido de pertença e, até mesmo, ao próprio sentido da vida. Fundamentar a vida sobre o Evangelho significa que o mesmo se torne um ponto de referência, uma razão de agir e de julgar seu próprio comportamento. Nada mais e nada menos. E a partir dessas convicções bem assimiladas brotarão espontaneamente as atitudes de conversão, de perdão e de uma vida doada ao serviço dos pobres. Evidentemente, falamos do Evangelho lido e assimilado a partir da perspectiva vicentina. Com o propósito de construir a vida espiritual sobre a rocha firme da qual nos fala Mt 7, 24-27, no acompanhamento se pode aprofundar o chamado concreto recebido de Deus, a resposta dada ao Senhor, as dificuldades que a pessoa acompanhada experimenta em sua fé, e como a mesma assimila e vive as virtudes próprias do espírito da Filha da Caridade.

Os artigos 19 a 23 das Constituições nos apresentam as diferentes práticas da vida espiritual: a Eucaristia, a Liturgia das Horas, a Reconciliação, a oração-meditação, os retiros anuais e mensais, a leitura espiritual, etc... Todas estas práticas espirituais podem ser objeto de diálogo, no sentido de ajudar a Irmã a refletir sobre como está sua vivência em todas essas práticas. A experiência nos diz que se pode viver tudo isto de uma forma muito superficial e rotineira. Um bom acompanhamento buscará motivar bem todas estas práticas espirituais para que estas alimentem a vida interior. Justamente, um dos objetivos do acompanhamento é: reavivar o que está amortecido, endireitar o que está torto e reerguer o caído.

O acompanhamento pode considerar cada um dos meios de que dispõe para alimentar esta vida espiritual. Por exemplo, com relação à Eucaristia, como celebramos e vivemos este sacramento? Até que ponto as afirmações das Constituições sobre a Eucaristia são verdadeiras para a Irmã: “*A Eucaristia, centro de sua vida e missão*”, “*encontro essencial, cada dia, com Cristo e com os irmãos...*” (C. 19 b)? Como aplicar essas expressões na vida? A partir do texto das Constituições, pode-se fazer semelhante com relação ao sacramento da Reconciliação e à Liturgia das Horas (cf. C. 19, 20)⁷. Esta última prática pode transformar-se num elemento importante de diálogo com a Irmã. Com efeito, todos nós sabemos que um dos perigos que leva à repetição diária de um ato litúrgico é a rotina, a repetição mecânica das orações sem colocar nelas sua alma. Como fazer dos Salmos, orações vivas que refresquem e reforcem cada dia a fé, a esperança e a caridade? Escutar a Irmã falar de suas convicções e de sua vivência concreta da Liturgia das Horas pode ser a ocasião de um diálogo fecundo.

A oração de meditação é também um tema muito apropriado e útil para ser tratado por ocasião do acompanhamento. Não é estranho escutar alguma Irmã de muitos ou vários anos de vocação dizer que não sabe rezar, referindo-se à meditação. Se nos baseamos somente na expressão empregada para esta queixa, poderemos nos interrogar de uma maneira lógica: o que ela fez durante estes longos anos? Mas, a pessoa que acompanha deve compreender bem o que a Irmã quer dizer expressando-se desta maneira. Frequentemente, por trás deste lamento se esconde uma vida de oração deficiente. Esta é uma boa oportunidade para dialogar sobre a necessidade da oração, sua experiência com Deus, o sentido da meditação e os obstáculos que impedem a Irmã tirar proveito disto para sua vida.

2. Acompanhamento na vida fraterna

Nesta segunda dimensão, um bom acompanhamento pessoal pode ajudar muito as Irmãs a superarem certas dificuldades. De que modo? Primeiro, a Irmã tem que partir de uma aceitação real de sua comunidade e não de uma comunidade ideal que não existe em nenhum lugar deste mundo: há a diversidade das idades e, frequentemente são “respeitáveis”, mentalidades diferentes em razão de suas personalidades diferentes e de seus diversos processos de formação no tempo. Esta aceitação deve levar a amar sinceramente todas as Irmãs que formam a comunidade, por mais diferentes que sejam ou mesmo que suas

mentalidades sejam contrárias à nossa. Uma forma de amor consiste em reconhecer os valores que cada Irmã possui, bem como, os bons serviços que elas prestam aos pobres. Quando se experimenta na própria pessoa este reconhecimento, não se pode deixar de sentir-se realmente membro desta comunidade. Um bom acompanhamento deve ajudar a Irmã reconhecer com alegria os valores de suas companheiras de comunidade, bem como apreciar os serviços que prestam aos pobres e, evidentemente, evitar fazer julgamentos sobre elas, o que bloqueia as relações pessoais e impedem uma boa aceitação.

Junto a este aspecto realista da comunidade precisa-se igualmente unir o teológico do qual as Constituições de 32 a 37 nos falam: a comunidade foi chamada e reunida por Deus. Nós não nos escolhemos e nem escolhemos nossas companheiras de caminhada, mas as que o Senhor escolheu. A comunidade tem como modelo de unidade e de amor a Santíssima Trindade em sua unidade e em sua diversidade... O objetivo deste modelo teológico é de nos fornecer a chave do grupo, nós vivemos numa *“mística da fraternidade”* que consiste em compreender e viver em comunidade, não como se fosse uma ONG ou um grupo de trabalho, mas como uma comunidade que se reúne em torno de Jesus Cristo para realizar sua missão. Portanto, a Filha da Caridade que vive esta mística fraterna nunca esquecerá as motivações evangélicas que formam a base desta comunidade e lhe permitem existir. Ao contrário, ela saberá ver o Senhor em sua base e em seus alicerces e, portanto, agirá em harmonia com este princípio ⁸.

O acompanhamento na vida fraterna não se limita apenas ao nível destes princípios teóricos gerais, mas leva a Irmã a refletir sobre sua participação nos diferentes meios que dinamizam a vida comunitária. Ela deve se perguntar, por exemplo, como participa dos diferentes encontros comunitários, das revisões comunitárias (cf. C. 32b). Com relação ao diálogo e à informação que contribuem para criar um clima familiar e que facilitam a coresponsabilidade e a missão comum, como a Irmã contribui para isto (cf. C. 32b, 36)? São questões como estas que devem surgir num diálogo de acompanhamento. Frequentemente, as Irmãs se contentam em relatar situações comunitárias mais ou menos boas ou em apresentar dificuldades ou problemas que surgem no seio da comunidade. Evidentemente, num primeiro momento é necessário acolher o que a Irmã diz, deixando de lado sua objetividade. Um verdadeiro acompanhamento não pode se contentar com este primeiro momento, que é às vezes, uma necessidade de se confiar. Em seguida, é preciso convidar a Irmã a refletir como ela pode contribuir na solução do problema comunitário exposto ou na situação relatada. É preciso discernir qual é a resposta que o Senhor lhe pede dentro da situação descrita, eis o verdadeiro acompanhamento. Ninguém na comunidade é mero espectador, mas coresponsável. Nas Constituições, o artigo 32a é muito claro: *“A comunidade se constrói dia a dia pelo dom de si e o compromisso de cada uma”*.

3. Acompanhamento na missão

Nesta terceira dimensão da vocação, o acompanhamento deve servir para ajudar a Irmã a aprofundar como concebe e como realiza o serviço. Como concebe o serviço? Mesmo se, doar-se a Deus e serviço dos pobres são duas coisas diferentes, no entanto, para as Filhas da Caridade, na espiritualidade vicentina são duas realidades inseparáveis, duas faces de uma mesma moeda. A C. 16b expressa isto de uma forma admirável: *“O serviço é para elas a expressão de seu dom total a Deus na Companhia e lhe dá seu pleno significado”*. Daí se deduz a íntima relação que une a vida espiritual e a vida apostólica e que cada Filha da Caridade deve viver. Ela encontra Deus quando vai à Capela, na oração e nos sacramentos, mas o encontra também no serviço dos pobres. Pode-se dizer que a espiritualidade vicentina propõe às Filhas da Caridade ser *“contemplativas na ação”*, de acordo com a expressão moderna que agora faz parte do patrimônio da Igreja. Portanto, em torno desta questão importante (como a Filha da Caridade concebe o serviço?) pode-se estabelecer um diálogo

muito enriquecedor para ambos. Ela poderá assim, falar de suas convicções mais profundas, de suas motivações e de suas dificuldades. O acompanhador (ou acompanhadora) terá a oportunidade de acolher com alegria tudo o que a Irmã expressará e, ao mesmo tempo, poderá partilhar algumas reflexões para aprofundar melhor o serviço.

Como a Irmã se sente no serviço que realiza junto aos pobres? Quais são suas preocupações e suas dificuldades? Como partilha sua experiência apostólica na comunidade? Estas são algumas questões que podem orientar, na prática, esta terceira dimensão do acompanhamento. Partindo destas questões de ordem prática, é necessário chegar à idéia expressada no artigo 10b das Constituições: *“Por um olhar de fé vêem **Cristo nos pobres e os pobres em Cristo**. Elas o servem em seus membros sofredores “com compaixão, doçura, cordialidade, respeito e devoção”*. No serviço dos pobres, as Filhas da Caridade não podem privar-se da fé. Esta as leva a ultrapassar as circunstâncias que cercam o serviço, a compreender o seu sentido profundo mesmo nas dificuldades, e encontrar a força necessária para realizá-lo. As cinco qualidades da qual nos fala este artigo 10, diz claramente que a Filha da Caridade não pode contentar-se em ser uma boa profissional. Sem nenhuma dúvida, ela deve oferecer aos pobres um serviço de qualidade. Mas, deve oferecer um “algo mais” que vem da sua vocação. Dá-se a si mesma, numa atitude de serva, o que é expresso pelas três virtudes específicas da Companhia. Resumindo, um bom acompanhamento pode ajudar a evitar cair na armadilha do profissionalismo que, como todos nós sabemos, consiste em contentar-se em ser uma boa profissional. Hoje, este risco é muito grande por causa do contexto sócio-cultural no qual estamos imersos.

O ACOMPANHAMENTO EM DOIS MOMENTOS PARTICULARES: O RETIRO ANUAL E O RETIRO MENSAL

Nesta última reflexão não pretendo falar do Retiro, mas oferecer-lhes uma reflexão sobre o acompanhamento durante o tempo do Retiro anual ou do Retiro mensal. Evitarei cair no exagero de dizer que o acompanhamento é o momento mais importante do Retiro, ou que este não atingirá seu objetivo se o acompanhamento pessoal for negligenciado. É simplesmente uma ação pastoral a mais que vem enriquecer o desenvolvimento do Retiro, a fim de que este alcance seu objetivo, isto é, renovar a fidelidade dinâmica da resposta da Filha da Caridade à sua vocação e sua missão. É uma ação pastoral oferecida às Irmãs da qual podem fazer uso livremente. Mas, a experiência nos diz que, quando se propõe este meio, sempre há um grupo de Irmãs disposto a aproveitá-lo.

Eu sei que o “acompanhamento” realizado pela Visitadora ou uma Conselheira não é o mesmo que o Diretor provincial ou o Pregador (ou pregadora) de Retiro realizam. Certamente, a Visitadora e as Conselheiras insistirão mais nos aspectos práticos da vocação-missão das Irmãs. Porém, a Visitadora e as Conselheiras nunca devem nem podem deixar de lado o aspecto espiritual. Isto significa que elas devem esclarecer, confrontar e encorajar as Irmãs a partir da espiritualidade vicentina das Filhas da Caridade. Quero dizer com isto que, embora o conteúdo da conversação seja diferente, este encontro pessoal deve ser um verdadeiro acompanhamento, não importa quem seja a pessoa que o realize.

Gostaria de insistir um pouco mais sobre a idéia de que o acompanhamento está a serviço da finalidade do Retiro. Não há dúvida de que as Irmãs apreciam muito o Retiro como instrumento útil para reforçar sua fidelidade à vocação. Muitos chamam este momento: um “tempo forte”, um verdadeiro “kairós de Deus”. Temos comprovado, por experiência própria, o quanto é importante retirar-se alguns dias cada ano para se refazer, renovar a vida num ambiente de silêncio, de oração e de celebrações tranqüilas e festivas. Qual é o lugar do acompanhamento no contexto do Retiro anual e mensal? A Constituição 21d nos apresenta os três objetivos que devem alcançar os Retiros de caráter comunitário e vicentino: *“uma ocasião:*

de diálogo mais intenso com o Senhor, de celebrações litúrgicas mais festivas, de revisão de vida para um melhor serviço". Eu penso que este terceiro objetivo ("revisão de vida") se enquadra perfeitamente bem na ação do acompanhamento. Às vezes, a Irmã procura a ajuda de uma pessoa para fazer a revisão de sua vida ou para revisar uma de suas dimensões. Dentro deste objetivo, ela recorre ao Pregador do Retiro, ao Diretor provincial, à Visitadora ou à uma outra Irmã. É uma ocasião privilegiada para escutar, discutir e refletir. O clima favorável de um Retiro facilita muito a revisão e a comunicação. Os meios para fazer a revisão de vida na comunicação são variados: há Irmãs que falam de seu Projeto pessoal. Por outro lado, outras preferem comunicar-se de uma forma mais espontânea. De qualquer modo, o acompanhador tem aí um momento ideal para convidar a Irmã a refletir nas questões básicas para sua vida de Filha da Caridade. Tudo o que foi afirmado no parágrafo anterior pode ser aplicado aqui.

Às vezes não é o desejo de revisar sua vida que conduz uma Irmã a recorrer ao acompanhador, mas são situações bem diversas, como por exemplo, a doença de pessoas próximas ou seu estado de saúde pessoal, as contrariedades, as dificuldades no serviço ou na comunidade, um fracasso, a depressão, aridez na oração, as tentações no momento do Retiro, uma confrontação ou uma certa distância com os Superiores... etc... A ajuda espiritual consistirá em escutar, acalmar, discutir, encorajar, a ser o mais objetivo possível, a unir..., mas nunca tomando uma atitude que justificaria o que não está coerente com o ideal da vocação e da missão da Companhia. Um acompanhador (a) não deve reduzir a grandeza de um projeto evangélico vicentino, mas deve ser compreensivo e encorajador para aquelas que têm dificuldades em sua caminhada na realização do ideal da vocação.

Padre Javier Álvarez
Diretor geral

Notas

- 1 cf. C. ROGERS, Psicoterapia e relações humanas, Boringhiéri, Turim 1970
- 2 LOLA ARRIETA Acolher a vida, acompanhar a vida, Frontera-Hegian, Gastéis 1999, p. 14.
- 3 cf. Vita consecrata, n. 70.
- 4 THERESE d'AVILA O livro da Vida nº8 C. XIII
- 5 LOLA ARRIETA, o.c., p. 10.
- 6 cf. JOSÉ FÉLIX VALDERRÁBANO, O acompanhamento espiritual na formação para a vida religiosa, Instituto teológico de vida religiosa, Madrid 1983, 81 – 93.
- 7 cf. F. QUINTANO, A Irmã Servente animadora. De quê e como, Ecos da Companhia 2000 p. 411-412.
- 8 cf. Ibid., p. 415-416.

DESAFIOS ATUAIS

Professor Henri Joyeux

A universalidade da pessoa humana

Notas tomadas durante a conferência do Professor Henri Joyeux por ocasião da Sessão de formação da Equipe de pastoral da Capela (Padres, Irmãs, leigos) sobre o tema do **ACOLHIMENTO**.

INTRODUÇÃO

Em guisa de introdução, eu vou ler um pequeno texto que me parece muito interessante para começar este dia. A autora é uma mulher tetraplégica:

“Depois de 2000 anos, disse Deus, eu tento falar com os homens, falei-lhes, sobre todos os tons, para me abrir seu coração, deixar-se amar por mim. Esta palavra, disse Deus, é necessário que ela tenha pés. Uma palavra com pés para correr e buscar o homem onde ele estiver. Precisaré que tenha mãos para servir o homem. Precisaré que tenha uma bôca para sorrir aos homens e ouvidos para escutá-los. Precisaré que esta palavra tenha um coração para compreender o homem. E Deus pôs mãos, pés, ouvidos, uma bôca e um coração nesta Palavra. A mais bela que Ele nunca tinha pronunciado. Ele tomou seu fôlego e a lançou sobre a terra. E os homens a descobriram quase por acaso, envolvido em fraldas, nos braços de uma mulher”. Esta criança, a festejamos no Natal!

A quem vou me dirigir?

Antes de tomar a palavra, a primeira pergunta a se fazer é: **“a quem vou me dirigir?”** Tentei refletir em função do que eu conheço desta Capela da Rua do Bac onde eu venho de vez em quando, não muito regularmente, mas toda vez que é possível. Logo, dirijo-me a vocês que são acolhedores, religiosas ou leigos, num lugar totalmente especial, reconhecido no mundo inteiro como sendo um lugar espiritual no centro de uma imensa cidade. E neste lugar, vocês exercem a missão de acolhimento. Então, eu estive preparado inconscientemente.

Com efeito, na vida, compreende-se muitas coisas uma vez que elas são passadas. Pois, durante as férias de Natal, além deste livreto desta mulher tetraplégica, eu descobri um homem que eu não conhecia, sobre o qual eu tinha a priori interrogações: Maurice Zundel. Eu li sua vida e fiquei absolutamente impressionado. A tal ponto que eu estou ávido para ler todos os seus livros. Eu conheço apenas sua vida e alguns elementos daquilo que ele escreveu. E Maurice Zundel vai certamente estar bem presente hoje por um certo número de suas citações que muito me tocaram, impressionaram e que eu descubro em minha vida pessoal. Há uma que se refere particularmente aos religiosos e às religiosas: *“Quem se dá a Deus torna-se capaz de dar Deus”*. Ele diz também que Deus estima nossa vida visto que ele se coloca de joelhos diante do homem no lava-pés.

Assim, o papel de vocês e sua missão, é de acolher os peregrinos. Mas o que significa “acolher”? Vocês têm o sentido de Deus e sabem que, como diz Zundel, *“todo homem é o caminho de Deus”*. Isto significa que todos os homens e todas as mulheres que vêm aqui, são um caminho para este Deus, tanto mais que, como ele o diz muito bem, e Marthe Robin tinha me falado, há alguns anos: *“Há em mim mais do que eu e que não é de mim”*. Então isto significa que há no homem mais do que o homem. No fundo, é isto que se revela pelas pessoas que vêm aqui e que, de uma forma ou de outra, vocês tentam revelar a elas.

Professor Henri Joyeux, quem sou eu?

Sou um homem do campo da saúde, no contato direto com o real como cirurgião cancerologista. Isto significa que ontem, eu estava na sala de cirurgia a manhã inteira até 15 horas, depois à tarde, dei consultas até 20 horas. Eu operei uma senhora e um senhor. Isto significa que quando você toca o uréter, o fígado, o tórax, os pulmões, é preciso não cometer equívocos. Logo, é preciso estar no real e não no sonho. Tenho uma profissão muito próxima do real e, ao mesmo tempo, de um sofrimento real. Sendo cancerologista, todos os pacientes que eu trato se fazem perguntas importantes, em particular: quanto tempo me resta para viver? Eles suspeitam, como todos nós, que o fim virá um dia, mas eles, têm alguns limites diante deles. Eles vão se mostrar tais como são porque, o que vai contar para eles, é o sentido de suas vidas.

Há 5 anos, eu estou também a serviço das famílias. Deram-me uma responsabilidade que é uma tarefa voluntária pesada. Sou responsável por aproximadamente 100.000 famílias na França, num Movimento livre de toda confissão, de toda política, de todo sindicato e de

qualquer ideologia. Entre as famílias de hoje, mais de 2 milhões de crianças são pobres, há famílias em estado de precariedade, de sofrimentos importantes. Há cada vez mais famílias mono-parentais e muitas dificuldades nas famílias recompostas ou não.

Eu também estou a serviço dos jovens. Desde 1982 eu dedico um dia por semana aos jovens. Na semana passada, eu estava no sul da França e me encontrei durante o dia de sexta-feira com 1.350 jovens. É em geral na sexta-feira, desde as classes primárias até às finalistas. Falo com eles de três assuntos: a saúde, o amor e afetividade e a sexualidade. Quando eu pronuncio esta última palavra, os jovens ficam todos motivados. É uma palavra que toca a intimidade da pessoa e que é muito importante.

Enfim, sou cristão. Primeiramente, eu acredito no homem, porque eu o toco diariamente. Mas, para mim, o humano tem um sentido. O sentido é Deus e eu o fundamento com uma frase de Zundel: *“É a vida de Deus que é o sentido da nossa”*. E acrescento: *“Nós queremos algo de bem porque Deus sopra em nós”*.

Assim, minha missão à partir de minha experiência é a de ajudar a acolher sempre melhor, sabendo que nós progredimos constantemente. Eu sempre digo aos jovens: *“Temos em nós um rio; este rio é o amor. Quando vocês estiverem diante de um rio, olhem alguns instantes a água diante de vocês. A água nunca é a mesma, ela corre sem parar. Pois bem, nosso rio amor começou para cada um de nós, 270 dias antes de nosso nascimento e pela união de dois outros rios: nosso pai e nossa mãe. Apesar de, depois, tenha havido dificuldades, pelo menos, houve alguns momentos de união de nosso pai e de nossa mãe. Embora hoje, possa ter uniões que se fazem em provetas. Mas, as sementes vêm não obstante de um homem e de uma mulher que decidiram dar vida a um novo ser, a um filho. Assim pois, o leito natural do rio amor é primeiro o ventre da mãe. Isto dura nove meses, e durante estes nove meses, acontece muitas coisas. Hoje, a medicina sabe que a relação entre a mãe e a criança começa antes mesmo que a criança se mexa em seu ventre. Porém, sabe-se que é mais ou menos no 4º mês.*

Há um texto que vocês conhecem bem onde é dito que há uma espécie de correspondência ou de diálogo silencioso entre uma criança de seis meses no ventre de uma mãe chamada Isabel e uma outra, Jesus, que está logo no início de sua vida. Logo, há coisas que acontecem. Eu direi que a ciência da época não tinha ainda ecografia ou registro, mas tinha noções. A ciência encontra coisas que são ditas nos grandes textos da humanidade. Portanto, este rio amor, assim que saímos do ventre de nossa mãe, nós passamos um pouco de tempo em seu ventre e depois, em seguida, o rio vai ampliar à família: há o pai, depois os irmãos e irmãs. Mas imaginemos que este rio amor se encontre diante de uma barragem. Será que o rio vai parar? Certamente não! Vocês terão um lago e, ou este lago vai ser tão forte que vai fazer transbordar a represa, ou vai aumentar cada vez mais! Mas, de qualquer maneira, a água passará. Ela passará nas fissuras ou se for necessário, até mesmo o sol tomará esta água e a fará passar para o outro lado em forma de chuva. De uma maneira ou de outra, nosso rio amor avança diariamente seja qual for a nossa idade. Para mim, é um pouco de sentido da eternidade. Eu não posso imaginar que este rio possa parar ao final de nossa vida, sabendo que quando começamos a vida, nós não temos esta carteira de vida que é para um século, um século e vinte anos, dificilmente mais, mas um século forma 36.500 dias”.

Um dia quando eu falava sobre isso a um estudante, ele me perguntou onde eu estava. Como eu não tinha calculado o número exato de dias, eu lhe respondi 6 vezes 10 anos. Ele calculou rápido para saber a minha idade e me disse o número de dias que me restavam!

O que significa para nós, acolhedores, de considerar esta realidade do rio amor que avança sem cessar? Significa que não há um dia onde nós não nos sintamos enriquecidos ao nível afetivo. Diariamente, nós aprendemos as coisas. Eu não digo que diariamente, nós somos

melhores, porque nós podemos ter no dia-a-dia momentos de autêntica santidade e outros momentos que acontecem exatamente o inverso. Mas o rio avança todos os dias e é uma noção muito importante. Isto significa que na ação de acolher, vocês irão se dar e acolher o outro, mas vocês vão também receber muito. Recebemos muito do outro. Zundel diz: *“Deus é um grande segredo de amor, o ser amado é um mistério”*.

Então, à priori, todas as pessoas que vêm nesta Capela, vocês as amam. Elas são todas misteriosas. Zundel diz ainda: *“A pessoa é sagrada porque a pessoa, é Deus”*. Esta reflexão vai bem mais longe. No fundo, se diz que, se nossa humanidade de hoje fosse mais consciente deste sagrado da pessoa humana e desta presença de Deus em cada pessoa humana, isto transformaria muitas coisas.

Na semana passada, eu recebi 74 e-mails dos jovens da escola onde eu ensinava. O último recebido ontem à noite, era mais ou menos meia-noite. Eu queria ir me deitar e disse: eu não posso deixar de responder. Era uma moça de 17 anos que queria se suicidar. Ela me dizia: *“ninguém gosta de mim, sou uma filha adotada e meus pais me odeiam...eu escarneço minhas mãos”*. O que eu entendi em seu e-mail de vinte linhas mais ou menos é que, como adolescente, ela criou problemas aos seus pais. Os pais devem ter dito que estão cansados desta menina que adotaram: dão-lhe tudo e ela nada compreende! Imagina-se um pouco o que deve se passar na cabeça desta menina. Foi por isso que eu lhe respondi imediatamente, pois há aí um problema grave e sério. Portanto, respondi-lhe e enviei em segredo a cópia ao diretor da Escola para que ele possa prestar atenção nesta aluna e veja como afastá-la disto.

Gostaria de chamar a atenção de vocês sobre a importância do silêncio. Como Zundel diz: *“Deus é o grande desconhecido, Ele só se revela no silêncio do coração”*. Significa dizer que o silêncio, talvez, poderá ser uma resposta a certas questões de uma pessoa. Pois, mesmo que tenhamos a resposta, o respeito mais absoluto da pessoa será, talvez, de fazer silêncio em relação a tal ou tal questão. No Evangelho, diz-se: *“Ele cura todos os tipos de doentes, expulsa muitos espíritos maus e os proíbe de falar porque eles sabiam quem Ele era”*. Imediatamente, dizia-lhes: *“silêncio!”*

Quem vem à Capela de Nossa Senhora da Medalha milagrosa?

São homens e mulheres de todos os países do mundo, dos cinco continentes, de todas as gerações, de todas as cores de pele. Por que eles vêm aqui?

Tentei me fazer algumas perguntas: eles podem ser atraídos pela Medalha milagrosa e esperam um milagre para eles, para o seu próximo; eles vêm agradecer à Virgem Maria, sua Mãe; eles vêm simplesmente rezar e confiar-se a Maria, eles trazem alguém ou são trazidos por alguém; eles estão em busca do maravilhoso... E há também os mendigos. Cada vez que eu venho aqui, vejo alguns à porta. Eles, eles não vêm necessariamente procurar uma medalha, mas eles estendem a mão. Eles estão não obstante aí. Eles esperam pela bondade, pelos dons das pessoas que entram ou que saem. De qualquer maneira, mendigos à porta ou aqueles que estão dentro, todos nós somos mendigos de Deus.

Mas, a originalidade de todas estas pessoas, é que elas têm antenas espirituais que estão abertas. Este é um recurso importante porque se as antenas espirituais estiverem abertas, eu diria: o caminho que de certo modo os une é, talvez, relativamente curto. Não se é obrigado passar por coisas muito complicadas. Zundel diz o seguinte: *“Jesus está sempre entre nós e nos rostos mais enrugados nos quais é preciso buscá-lo com o maior amor”*. No livro que eu lia sobre sua vida, conta-se que um dia, ele viajava de carro numa estrada do Egito; vendo um pobre homem coberto de moscas que estendia a mão à beira da estrada, ele parou o carro e foi em direção deste homem, ajoelhou-se perto dele e ofereceu-lhe um cigarro: um pequeno

momento de felicidade. Achei este fato muito poderoso ao nível do dom: Zundel colocando-se de joelhos e acendendo um cigarro a este pobre homem.

Estamos, pois, diante de pessoas que são mendigas. Quando se é mendigo, é-se um especialista. Aqui na Capela, estes são os especialistas de Deus. São pessoas que têm esta humildade que consiste em ter em mente esta idéia: *“eu sozinho não posso sair disto, o sistema trazido pelo mundo não é suficiente para que eu consiga ser feliz no mais profundo de mim”*.

Há também os feridos da vida. Eu penso que todos nós somos feridos. Então, vocês vão me perguntar sobre o pecado original? Mas, para mim é algo muito complicado. Por outro lado, eu digo que todos nós somos feridos em nossas vidas.

Nossa realidade de seres humanos nos leva a falar da universalidade da pessoa, sabendo que todos os homens se assemelham. Quando eu tenho colaboradores que são de origem estrangeira, (temos muitos cirurgiões jovens de todos os continentes que vêm se formar na França), às vezes, eu me divirto dizendo-lhes: “vejam o uréter que passa por este lugar aqui, em seus países, é diferente, ele não passa pelo mesmo lugar!”. Evidentemente, eu retifico imediatamente: a anatomia é a mesma em todos os lugares e o funcionamento do corpo, da fisiologia (todas as funções digestivas, cardiovasculares, respiratórias, cerebrais ou outras) são idênticas. Portanto, há bem a universalidade da pessoa, mesmo se a “carcaça” é diferente, mesmo se a cor da pele, a forma dos olhos, etc. são diferentes. Todos os homens se assemelham e, ao mesmo tempo, todo ser humano é único, até mesmo, dos gêmeos que se assemelham perfeitamente são diferentes e, em todo seu ser há grandes diferenças.

Nesta Capela da Rua do Bac passam tanto o europeu quanto o americano, o asiático, o africano, o oceânico. E se quisessem avaliar suas diferentes espiritualidades, encontrariam certamente toda a gama de fé, partindo daquela do carvoeiro até a dos maiores intelectuais e místicos. Mas, o que é mais importante neste lugar é que a chama da espiritualidade é acesa.

Num primeiro tempo, chamarei a atenção de vocês sobre alguns pontos importantes para o acolhimento das pessoas. Num segundo tempo, nos entreteremos sobre o funcionamento de todo ser humano, ao mesmo tempo, único e universal.

(continua)

Professor Henri JOYEUX

Notas

¹ O Papa Paulo VI diz de Maurice Zundel (1897-1975), Padre suíço “que ele era um gênio, gênio de poeta, gênio de mística, escrivão e teólogo, e tudo isto num só, com esplendor”.

VISITA DOS SUPERIORES

Mère Evelyne Franc
E Irmã Marlene Rosa, Conselheira geral

Visita da Província da Amazônia (Brasil)
15-16 de fevereiro de 2007

A Região da Amazônia, criada em 1991, torna-se Província em 1998. Hoje, a Província da Amazônia conta com 17 Casas, a Casa Provincial e o Seminário; 88 Irmãs, sendo 3 Irmãs no

Seminário, 4 Postulantes, 4 Pré-postulantes, uma Irmã em missão no Centro de Tradução na Casa-Mãe e outra na Província de Moçambique.

No dia 15 de fevereiro de 2007, Irmã Evelyne Franc, Superiora geral e Irmã Marlene Rosa, Conselheira geral chegam às 21h30 em terra amazônica felizes de conhecer as Irmãs da Província mais jovem do Brasil. Notre Mère foi calorosamente acolhida desde o aeroporto de Belém-Pará para esta visita de curta duração. As 4 Postulantes e as 3 Irmãs do Seminário lhe desejam as boas-vindas através de uma canção: *“Porque você veio: é festa no céu e na terra”* afim de expressar o quanto esta visita seria uma bênção de Deus para a Província.

Em seguida, Irmã Eleni, Visitadora, se fez a porta-voz de todas as Irmãs presentes e daquelas que não puderam vir. A bandeira da França e a do Brasil colocadas diante do altar, recordando as origens da Companhia e sua missão a exemplo de Jesus Cristo: testemunhar seu Amor aos pobres no mundo inteiro. Depois, durante um canto à Virgem Maria, uma Irmã oferece à Notre Mère uma estátua de Nossa Senhora de Nazaré, Rainha da Amazônia, sinal da proteção materna de Maria para com a serva dos Pobres que dirige a Companhia. A noite termina com um jantar fraterno acompanhado de canções que evocavam os 70 anos da presença das Filhas da Caridade no Norte do Brasil.

No dia seguinte, na oração, juntas nós demos graças a Deus pelas maravilhas realizadas em nossa vida. Irmã Evelyne e Irmã Marlene se preparam para viver um dia muito intenso. Acompanhadas pela Visitadora, elas conhecem a Casa Provincial e o Seminário colocado sob a proteção da Virgem Poderosa.

Às 8h30, Irmã Evelyne conversa com as Irmãs sobre o conformar a nossa vida com as Constituições, responde as suas perguntas e dá alguns conselhos com muito entusiasmo e alegria.

Às 10h45, a Eucaristia foi celebrada pelo Diretor provincial, Padre Pedrinho Carlos da Silva. Durante a ação de graça, um Pobre atendido pelas Irmãs oferece uma pequena lembrança à Irmã Evelyne para agradecê-la pela presença das Filhas da Caridade na Amazônia.

Depois de uma refeição festiva em companhia de Dom Orani João Tempesta, Arcebispo de Belém, dos Padres da Missão e Seminaristas, Notre Mère visita algumas casas de Belém:

- O Instituto Catarina Labouré, escola de cerca de mil alunos da educação infantil ao ensino médio: as Irmãs, os professores e alunos apresentam à Irmã Evelyne os frutos típicos da região.
- A casa “Irmã Ivone de Barros Lima, em Águas lindas” (Ananindeua),
- A comunidade Cristã da paróquia de São Vicente de Paulo onde trabalha a família vicentina de Belém.

Na volta, elas passaram pela Basílica de Nossa Senhora de Nazaré onde lhe confiaram as intenções da Província da Amazônia e da Companhia.

À noite, Notre Mère visita a clínica São Vicente de Paulo onde as Irmãs idosas residem e partilha a refeição com elas, depois olha um power-point explicando a história da Província da Amazônia, suas obras, as maravilhas realizadas e os desafios encontrados. Esta apresentação oferece à Notre Mère uma visão global da missão das Irmãs em terras amazônicas: visita aos indígenas em domicílio, cuidado dos doentes no hospital ou posto de saúde, alfabetização e educação das crianças e jovens (escolas primárias e colégios), acompanhamento dos jovens (Juventude Marial, Pastoral Vocacional...), trabalho em colaboração com a família vicentina.

Este grande dia termina com um tempo de oração; em seguida, Irmã Evelyne agradece a Comunidade pelo acolhimento e pela oportunidade desta visita importante, ocasião para um melhor conhecimento mútuo.

Sua proximidade fraterna e sua simplicidade nos marcaram, deixando um grande reconhecimento em nossos corações.

Irmãs Anagilsa SAMPAIO BENTES e Maria Rejiane da MATA DIAS
Filhas da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Na Ucrânia

1º Encontro em Sinak
das Irmãs em missão
no território da ex-União Soviética
19-23 de junho de 2007

Fazer a experiência de que o amor é inventivo até o infinito!

O 1º Encontro das Filhas da Caridade que trabalham no território da ex-União Soviética realizou-se em Sinak, na Ucrânia, de 19 a 23 de junho de 2007. As Irmãs das 11 comunidades, distantes umas das outras por milhares de quilômetros (Ucrânia, Bielorrússia, Kazakistão, Rússia,) encontraram-se com Irmã Evelyne Franc, Superiora geral, Irmã Zofia Daniscakova, Conselheira geral e a Visitadora da Polônia e da Eslováquia. No total foram 47 participantes das quais 2 Postulantes, uma aspirante e Padres da Missão.

Depois de vários anos, as Filhas da Caridade das Províncias da Polônia, da Eslováquia e Los Altos Hills (EUA.) foram para os povos da Ex-União Soviética para responder aos apelos dos Bispos, dos Administradores Apostólicos e dos Padres da Missão da Vice-Província de São Cirilo e Metódio. Em missão na Ucrânia, em Bielorrússia, ao Kazakistão e na Rússia (Sibéria Oriental e Sibéria ocidental), as Irmãs realizam sua missão no território de países que têm mais de 1.000 anos de tradição cristã, porém, interrompida pelo regime comunista.

No dia 19 de junho de 2007, durante a vigília de acolhimento, Irmã Evelyne e Irmã Zofia recebem pão e sal, sinal da hospitalidade para os povos eslavos. Os jovens do movimento marial (JM) de Svaljava apresentam um entretenimento (poema feito para esta ocasião, canções e danças ucranianas com as fantasias folclóricas).

No dia seguinte, começa o tempo forte destes 3 dias de trabalho onde se alternam testemunhos, conferências, tempos de oração e de celebração.

Apresentação das missões

Com ajuda de um power-point, as Irmãs apresentam suas experiências de vida fraterna e seu serviço dos pobres:

NA UCRÂNIA

Em **Dovhe** (desde 1991) e em **Svaljava** (desde 2001) - As duas comunidades dependem da Província da Eslováquia. As Irmãs são responsáveis pelo cuidado dos doentes, da pastoral

paroquial. Em Svaljava, elas acompanham também os Roms, têm a responsabilidade da animação litúrgica no Sanatório salífero, servem na casa da criança.

Em **Storozyniec** (depois de 1995) e em **Sniatyn** (desde 2000) – As duas comunidades dependem da Província de Cracóvia. As Irmãs assumem a catequese, estão a serviço das crianças deficientes e dos doentes em domicílio ou nos hospitais.

Em **Kharkov** (desde 1996) – A Comunidade depende da Província de Varsóvia. As Irmãs cuidam dos doentes em casa e estão engajadas na pastoral para crianças e adultos. Elas também abriram um centro para as crianças mais pobres; elas servem refeições para elas, ajudam-nas a fazer seus deveres de classe, propõem-lhes algumas atividades. Uma Irmã colabora com um Lazarista e um membro da AIC no acompanhamento das crianças de rua.

NA BIELORÚSSIA

Em **Brest** (desde 1992) e em **Szumilino** (desde 2000). As duas comunidades dependem da Província de Varsóvia. As Irmãs estão a serviço da Paróquia (animação litúrgica), assumem a catequese das crianças, dos jovens e adultos e visitam os pobres e doentes em domicílio ou em hospital.

NO KAZAKISTÃO

Em **Szortandy** (desde 2000) e em **Novokubanka** (desde 2005). As duas comunidades dependem da Província de Chelmino, foram fundadas a pedido do Bispo de Astana para socorrer a população pobre e abandonada a nível religioso. Elas asseguram os mesmos serviços junto às crianças, aos doentes e a pastoral.

NA RÚSSIA

Em **Nijnij Tagil** (desde 2000) na Sibéria Ocidental. A comunidade depende da Província da Eslováquia, em resposta ao apelo dos Lazaristas já em missão nesta grande cidade metalúrgica. Além dos serviços já mencionados, as Irmãs criaram um clube “Zabota”: apoio escolar, atividades para crianças vindas de famílias separadas e socialmente pobres. Elas visitam, cuidam e acompanham os doentes abandonados no hospital (serviço de traumatologia, de tuberculose). Elas propõem acampamentos para os jovens e retiros espirituais para todas as idades.

Em **Magadan** (desde 2005) na Sibéria Oriental. Neste lugar antigo de gulags, a missão foi aberta a pedido da Igreja dos Estados Unidos. A comunidade dependendo da Província de Cracóvia, é composto de duas Irmãs polonesas e de uma Irmã americana (Província de Los Altos Hills). Elas estão a serviço da catequese de adultos (preparação aos sacramentos, curso de iniciação para as pessoas em busca de Deus), um coral paroquial, visitas e cuidado dos pobres, das pessoas isoladas, dos doentes em fase terminal. Elas também colaboram com as pessoas responsáveis em uma cantina para os pobres.

Algumas realidades comuns destas missões

Na continuação desta partilha das diferentes missões das Irmãs em território da ex-União Soviética, alguns pontos comuns foram colocados em evidência apesar das grandes distâncias quilométricas que separam estes lugares de missão:

- Os católicos são muito minoritários neste meio ortodoxo. Mas eles têm uma grande sede de conhecer e de viver sua fé, as Irmãs estão lá para viver e rezar com eles. Elas se esforçam para trabalhar de tal modo que as pessoas possam descobrir o amor de Deus que os habita.

- Depois da queda do Comunismo, a miséria material e espiritual é grande. As Irmãs descobrem muitas pessoas necessitadas, abandonadas de tudo, muitas crianças de rua. O desemprego muito elevado, especialmente na Ucrânia, é a causa da partida dos homens ao

estrangeiro em busca de trabalho e assim manter suas famílias. O alcoolismo e a criminalidade são graves problemas, sobretudo, nas cidades grandes.

- A população na Ucrânia e em Bielorrússia é jovem. Com efeito, as famílias são muito numerosas e as Irmãs se esforçam para unir o mais possível os jovens para acompanhá-los no plano humano e espiritual (Juventude Marial, grupos de oração...)

Em seguida, com Notre Mère, as Irmãs refletiram questões importantes referentes ao futuro destas missões e notavelmente nas necessidades da formação dos jovens da ex-União Soviética que se apresentam para entrar na Companhia.

A vida de oração durante o Encontro

Estes três dias de trabalho foram sustentados por uma bela liturgia em 7 línguas diferentes: Russo, ucraniano, bielorusso, cazaque, polonês, eslavo, francês. A maneira como as Irmãs rezaram e celebraram a Eucaristia, presidida pelo Padre Tomás Mauric, cm de Kiev, foi uma bela expressão da inculturação e do respeito da diversidade. A Eucaristia do dia 23 de junho, último dia do Encontro foi celebrada pelo Administrador Apostólico do Eparchie de Mukacevo, Dom Milan Sasik, cm, e o Padre Tomás. As participantes do Encontro deram graças pela maravilhosa comunhão que as uniu apesar da variedade de culturas e línguas, destacando a beleza da internacionalidade presente neste território tão marcado pelo sofrimento de numerosos mártires do regime comunista.

Que a caridade de Cristo crucificado e ressuscitado nos impulse a ir além, irradiar a alegria e a força recebidas durante este 1º Encontro. Que o amor seja inventivo em nosso dia-a-dia!

Participantes do Encontro

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província do Peru

A tragédia do terremoto

Na tarde de 15 de agosto de 2007, um poderoso terremoto sacode o Peru. O terremoto de intensidade 7,7 na escala Richter atinge violentamente a costa sul do país, região de Ica. A Imprensa mostrou a importância e as consequências deste terremoto. A família vicentina está presente no Peru e ficou também traumatizada por este acontecimento. A Igreja de São Clemente de Pisco desmoronou-se quando um Padre Lazarista celebrava a Eucaristia com umas 300 pessoas entre as quais 4 Filhas da Caridade. Entre as numerosas vítimas, duas Irmãs pereceram embaixo dos escombros.

Numa carta, Irmã Marina Melendez, Visitadora, apresenta alguns elementos sobre a situação vivida pelas Irmãs da Província.

“O tempo de viagem de Lima a Pisco duplicou por causa da destruição das pistas e da intensa circulação. Ao longo do caminho vêm-se os postes e os cabos de luz e de telefone caídos no chão. Quando chegávamos a Pisco, víamos um mar de pessoas realizando um verdadeiro êxodo, lhes tinham dito que o mar havia se retirado e que era muito provável a chegada de um tsunami, (em seguida foi dito que era um falso alarme), graças a Deus! A medida que entrávamos na cidade, aumentava nossa angústia em ver todos os escombros e as

casas todas destruídas. Desde o dia do terremoto a população não tem água, luz, telefone e nem comércio para comprar algo, tudo foi destruído, a única coisa que se vê, é a poeira por todos os lados. Nesta região, as pessoas são muito simples e pobres, as construções eram todas de adobe (blocos de barro), já existiam algumas de material mais resistente, mas também sofreram deteriorações. A Paróquia São Clemente de Pisco é administrada pelos padres da Missão, a construção era toda feita de adobe, tinha mais de 150 anos. Havia sido renovada há sete anos. Naquele dia, na festa da Assunção da Virgem Maria, cerca de 300 fiéis participavam da Eucaristia, entre eles nossas quatro Irmãs, duas puderam sair a tempo com muitas outras pessoas. Mas as duas outras não tiveram a mesma sorte, Irmã Antonieta Perla Cavagneri de 75 anos de idade e 49 de vocação (Irmã Servente e diretora do Colégio Santa Luísa de Marillac) e Irmã Elizabeth Oré Venturas de 44 anos de idade e 24 de vocação, ambas educadoras. Elas foram soterradas sob os escombros. Depois de uma angustiada e interminável espera, 39 horas depois que a Igreja desmoronou, nós pudemos resgatar o corpo de Irmã Elizabeth e 68 horas depois o de Irmã Antonieta. Os dois funerais foram precedidos, cada um, por uma Eucaristia muito comovente na Casa Provincial. Isto nos ajudou a sentir a ternura do amor de Deus através da oração e os gestos de solidariedade da Companhia e de tantas pessoas que nos conhecem e estimam.

Como bem sabem as Irmãs que conheceram a Irmã Antonieta Perla era uma santa Filha da Caridade, piedosa, inteligente, muito prudente e humilde, uma mulher de fé e de oração, muito educada e delicada com as Irmãs e com os Pobres. Sua maneira de tratar as pessoas era afetuosa e firme ao mesmo tempo, muito leal para com os Superiores. Na Província, ela foi Secretária provincial, Diretora do Seminário, Conselheira, Assistente e Visitadora. Perdemos uma grande Irmã, educadora de milhares de crianças, adolescentes e jovens. Hoje, os professores e os pobres que ela tanto amou e aos quais ela facilitou sua promoção humana e cristã choram conosco sua morte.

Irmã Elizabeth Oré, era uma Irmã feliz e muito boa, foi Secretária provincial no tempo em que Irmã Antonieta era Visitadora. Ela tinha saído muito depressa da Igreja, porque estava perto da saída, porém, voltou depois em busca de Irmã Antonieta que tinha ficado com as crianças que estavam sob sua responsabilidade. E assim ambas foram encontradas protegendo as crianças do coral que eram alunas do Colégio Santa Luísa de Marillac. Admiro a fidelidade e afeição que Irmã Elizabeth sempre demonstrou para com Irmã Antonieta.

A Casa das Irmãs não sofreu grandes danos, mas o Colégio foi muito atingido, os danos causados pelo terremoto fazem com que a escola não possa recomeçar pelo momento. Isto nos preocupa muito. Entre as vítimas do desastre temos os pais de família e alunas que morreram sob os escombros. Os pais de 7 Irmãs que são desta região, perderam totalmente suas casas e seus bens. Muitas outras famílias perderam seus entes queridos, seus poucos bens e estão ameaçadas de epidemias... tudo isto, nos impele a encontrar rapidamente respostas de caridade criativa na fé e na esperança.

Em meio a esta provação tão difícil a ultrapassar, a solidariedade dos peruanos foi grande e reconfortante. Em Lima, milhares de voluntários se mobilizam para o envio de socorro nas zonas devastadas pelo terremoto. Reunidos em praças públicas, eles organizam e empacotam toneladas de alimentos e roupas que são transportados em caminhões enviados pelo governo. Muitas Irmãs, religiosas e leigos da família vicentina participam das equipes de missões de ajuda. A dedicação generosa das Irmãs da Província alivia nosso sofrimento. Nós também sentimos a união dos corações pelas inúmeras manifestações de proximidade e de oração das Províncias. É um sinal da fraternidade que reina no seio da Companhia. Guardamos também no fundo do coração o testemunho e o sacrifício destas duas Filhas da Caridade que partiram para o Pai.

Juntas, continuemos pedindo a Deus que nos dê força, sabedoria e a criatividade necessárias para superar nossa própria dor e aliviar o de tantas famílias que levarão anos para retomar uma vida normal”.

Irmã Marina MELENDEZ
Visitadora da Província do Peru

NOTÍCIAS BREVES

Prêmio “Servitor Pacis” 2007

Em reconhecimento pelo engajamento de toda sua vida a serviço da Igreja e dos Pobres e particularmente por seu engajamento missionário, Irmã Sabina Iragui, Visitadora da Província da África Central foi uma das duas beneficiadas do **Prêmio Servitor Pacis 2007** (Servo da Paz) concedido pela Fundação “O caminho da Paz”.

Situada em Nova York, a Fundação “O caminho da Paz”, em colaboração com o Observador enviado pela Santa Sé às Nações Unidas, dirige suas atividades, em primeiro lugar, mas não exclusivamente, no plano internacional das Nações Unidas. Esta Fundação foi estabelecida com o objetivo de difundir a mensagem de Paz pela qual a Igreja Católica se esforça de “*guiar nossos passos no caminho da Paz*” (Luc, 1, 79). Ela realiza esta missão financiando conferências, fóruns educativos para estudar o Ensino Social da Igreja e as declarações da Comissão Justiça e Paz da Santa Sé. Ela também financia projetos realizados pelas organizações eclesiais para promover a justiça e a paz. (Província da África Central).

NOTÍCIAS BREVES

Prêmio do “Prefeito de Dublin” 2007

As Filhas da Caridade são uma das duas Organizações que receberam o **Prêmio 2007 do “Prefeito de Dublin”** em reconhecimento da sua dedicação admirável junto dos pobres, dos doentes, das pessoas idosas e seu trabalho de educação junto das crianças e dos jovens.

O Prêmio do “Prefeito de Dublin” honra as pessoas ou grupos que trazem uma contribuição particular à cidade e também aos seus habitantes. As Filhas da Caridade servem em Dublin há 150 anos. Elas começaram sua missão visitando os pobres e os doentes a domicílio, e em seguida se engajaram nos serviços de psiquiatria, de pediatria, de berçários, da educação e nos serviços sociais em geral. Hoje, estes serviços continuam se desenvolvendo em parceria com muitos colaboradores. (Província da Irlanda).

NOTÍCIAS BREVES

Prêmio especial do “Júri” 2007

Há pouco, na Irlanda, a “Casa da África” acolheu a 5ª entrega do Prêmio da “Jornada dos Refugiados”. O objetivo deste Prêmio é de colocar em destaque as realizações de um país para os requerentes de asilo e os refugiados.

O Centro Vicentino para os Refugiados, onde a Irmã Breege Keenan trabalha foi o primeiro centro na Irlanda para os requerentes de asilo e os refugiados. Rapidamente, tornou-se o modelo para a criação de outros centros. Irmã Breege trabalhando aí sem cessar depois de

nove anos, recebeu o Prêmio especial do “Júri” 2007 em reconhecimento de suas numerosas iniciativas em favor da justiça social. (Província da Irlanda).

NOTÍCIAS BREVES

Prêmio 2007 “Coração de ouro”

Em Maio de 2007, em Florença, a Associação “50 e Piu Fenacom” ligada à “Confcommercio” (Confederação geral do Comércio) atribuiu o **Prêmio Coração de ouro** à Irmã Rosalba Sacchi.

Cada dois anos, esta Associação atribui um prêmio à dez pessoas, uma por Província que estão engajadas particularmente no mundo do social e do voluntariado. Durante a cerimônia, foi repassado os momentos principais da vida de Irmã Rosalba, de sua vocação, de seu serviço entre os casebres de Roma, o tempo de seu mandato de Visitadora da Província de Roma, sua missão ao seio do Instituto de Thévenin e seu papel de Diretora da Caritas diocesana de Arezzo-Cortona-Sansepolcro o qual ela exerce há mais de 10 anos com dedicação e sentido de sua responsabilidade. A alegria é grande entre as Irmãs da Província de Roma que servem discretamente as crianças, as mães solteiras, as pessoas idosas... (Província de Roma).

ESPECIAL DO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE MÈRE SUZANNE GUILLEMIN

Mère Suzanne Guillemin
1906 - 1968

Filha de Deus - Filha da Igreja
Superiora geral da Companhia

IV – MÈRE GUILLEMIN E O CONCÍLIO VATICANO II

INTRODUÇÃO

No dia 25 de janeiro de 1959, dia da cerimônia de encerramento da Semana de orações pela Unidade da Igreja em São Paulo fora dos Muros, o Papa João XXIII fez um discurso solene aos Cardeais presentes em Roma. Tratava-se de um Consistório secreto extraordinário reunindo 18 cardeais no mosteiro de São Paulo.

Depois de ter falado de alguns pontos importantes referentes à sua responsabilidade de bispo de Roma e de Pastor supremo da Igreja universal, o Papa inspirando-se de costumes seculares da Igreja, anunciou três acontecimentos de grande importância, a saber, um grande sínodo diocesano para Roma, a celebração de um Concílio ecumênico para a Igreja universal e a atualização do Código de Direito Canônico:

“É com um pouco de emoção, disse o Papa, mas ao mesmo tempo com uma humilde resolução em nossa determinação, que Nós pronunciamos diante de vós o nome de uma dupla celebração: um Sínodo diocesano para Roma e um Concílio ecumênico para a Igreja universal. Para vós, veneráveis irmãos e queridos filhos, não são necessárias muitas explicações referentes à signifição histórica e jurídica destas duas proposições. Elas conduzem de maneira feliz à atualização esperada e desejada do Código de Direito Canônico

que deveria acompanhar e coroar estes dois exemplos de aplicação prática de disposições de disciplina eclesiástica que o Espírito do Senhor virá nos sugerir ao longo do caminho”.

No dia seguinte, a notícia ficou conhecida no mundo inteiro. Pouco tempo depois, o Cardeal Tardini explicará aos representantes da imprensa mundial o que será o futuro Concílio ecumênico. Todas as grandes agências de comunicação, os jornais mais importantes, as estações de rádio e outros serviços de imprensa estavam representados. Primeiramente, o Cardeal explicou o que é um Concílio ecumênico. Não é demasiado lembrar aqui, a definição dada: *“A assembléia de todos os Bispos da Igreja Católica e dos outros preladados que têm o direito de participar para estudar e resolver junto com o Papa e sob sua autoridade, os problemas doutrinários e disciplinares mais importantes que interessam à vida da Igreja”*¹.

O Cardeal coloca então em evidência o objetivo do Concílio, quem participará deste, a duração, a data, em que ponto estão os trabalhos da Comissão ante-preparatória. Foi também questão, a língua usada: a língua latina foi a mais adaptada para expor com precisão, clareza e brevidade os conceitos da doutrina e as regras da disciplina. O Cardeal acrescentou *“que, no momento, pensa-se apenas nas traduções simultâneas com casco de escuta. Pois, em matéria de fé, uma palavra deu-me ou, pelo menos, não exatamente, poderia gerar certa confusão”*.

Os participantes fizeram as perguntas referentes às suas funções. Para tranquilizar os jornalistas, o Cardeal assegurou-os que a constituição de uma sala de imprensa seria prevista para dar-lhes a possibilidade de ter as informações precisas e oportunas sobre as diversas fases do Concílio.

PREPARAÇÃO DO CONCÍLIO

Em 1959, no momento do anúncio deste grande acontecimento para a Igreja, Irmã Guillemain era Irmã Servente na Central das Obras, acrescentando às suas preocupações diárias, àquelas da Igreja de França. Mas o Concílio foi para a sua mente e o seu coração uma grande alegria que ela facilmente expressará em seus encontros com as Irmãs seja nas sessões, ou em sua comunidade e até mesmo a nível de encontros nacionais. Na época, ela ignorava o que a terceira sessão do Concílio ecumênico em Roma esperava dela.

Parece útil dar uma breve idéia da preparação, da organização e da visão ecumênica de João XXIII, há mais de 40 anos depois desta convocação.

No dia 17 de maio de 1959, o Papa decide lançar **uma consulta universal aos Bispos**. Ele chama à livre expressão os Padres conciliares:

*“... peço firmemente a Vossa Excelência, queira enviar a esta Comissão Pontifícia, com toda liberdade e sinceridade, as observações, conselhos, votos que a solicitude pastoral e o cuidado das almas sugerirão à Vossa Excelência, **sobre as matérias e assuntos que poderão ser discutidos no próximo Concílio**”*.²

Mais de 2.000 respostas chegam a Roma. Estas respostas, classificadas por país, permitiram iluminar aproximadamente 9.000 proposições destinadas a orientar o trabalho das comissões preparatórias. Estas informações foram publicadas bem depois do Concílio.

PREPARAÇÃO IMEDIATA DE 1960-1962

O dia de Pentecostes de 1960, João XXIII abre a fase preparatória do Concílio. Um *motu proprio* recordará o objetivo do Papa a respeito do Concílio: *“trabalhar para a renovação da Igreja e a união dos cristãos”*.

A organização foi confiada a 11 Comissões e 3 Secretarias. Cada Comissão foi presidida por um Cardeal e a Comissão Central pelo Papa. O trabalho se faz no maior segredo. Os textos foram elaborados por seções de especialistas, propostas então à Assembléia geral da Comissão que os emendou. São estes esquemas que foram enviados aos Padres para estudo. As críticas chegam. O construtivo traz luzes: o Cardeal Suenens propõe um esquema sobre a Igreja, e o Arcebispo de Milão, o Cardeal Montini, menciona a eclesiologia como tema importante.

A Companhia tem a alegria de ver a Congregação da Missão participar dos trabalhos do Concílio.

MEMBROS PARTICIPANTES:

Padre Slattery, Superior geral da Congregação da Missão,
O Cardeal Sidarous, Patriarca dos Coptas católicos do Egito,
20 Bispos Lazaristas: 10 da América Latina, 4 da África e 6 da Ásia.

PARA A PREPARAÇÃO DO CONCÍLIO:

4 consultores:

- Padre Slattery: Comissão Disciplinar do Clero e do Povo cristão
- Padre Bugnini: Comissão de liturgia
- Padre Rossi: Comissão de teologia
- Padre Diebold: Secretaria para a União dos Cristãos.

2 membros de Comissões

- Padre Menichelli: membro da Comissão do Apostolado dos Leigos
- Padre Pizzoni: membro da Comissão de liturgia

A preparação espiritual, devido à iniciativa do Papa foi uma mensagem radiofônica “a Igreja deve fazer ouvir sua voz”. De trem, o Papa fez uma peregrinação a Loreto e a Assis.

Toda a preparação espiritual se concluiu por uma procissão de Santa Maria Maior a São João de Latrão com a oração ao Espírito Santo pela reconciliação.

ABERTURA DO CONCÍLIO

No dia 11 de outubro de 1962, cerimônia litúrgica de abertura muito solene e majestosa pelo número de participantes. Aproximadamente 2.400 bispos, embaixadores estrangeiros, 86 missões extraordinárias enviadas a Roma por 79 governadores, 7 órgãos internacionais dentre os quais o Conselho da Europa, mais de 1.000 jornalistas presentes.

Os “observadores”, mais ou menos cinquenta ocupam os lugares de honra. Entre os convidados do Papa encontravam-se Roger Schülz, Max Thurian e o filósofo francês Jean Guitton.

Do importante discurso de João XXIII, “a Igreja deve voltar-se com otimismo rumo ao futuro”, duas afirmações do Papa merecem ser destacadas:

*“No exercício cotidiano do nosso ministério pastoral **ferem nossos ouvidos** sugestões de almas, ardorosas sem dúvida no zelo, mas não dotadas de grande sentido de discricção e moderação no modo de ver as coisas. Nos tempos atuais da sociedade, elas não vêem senão prevaricações e ruínas...; e portam-se como quem nada aprendeu da história, que é também*

*mestra da vida... Mas parece-nos que **devemos discordar** desses profetas da desventura, que anunciam acontecimentos sempre infaustos, como se estivesse iminente o fim do mundo”.*

Um segundo ponto sublinhado pelo Papa foi: “A Igreja sempre se opôs a estes erros; muitas vezes até os condenou com a maior severidade. Agora, porém, a esposa de Cristo prefere **usar mais o remédio da misericórdia** do que o da severidade...”.

DESENVOLVIMENTO DO CONCÍLIO

Um regulamento é promulgado. A obrigação do segredo é solenemente afirmada e selada por um juramento dos membros da Secretaria geral. O Latim é a única língua admitida nas sessões públicas e nas “congregações gerais”.

O Concílio começa no dia 13 de outubro com um certo mal estar: eleger os membros das Comissões sem conhecer as pessoas”. O Cardeal Liénart, Bispo de Lille (França) membro do Conselho de presidência pede para adiar a votação. O assunto é importante, “*pois os Padres deviam tentar munir o Concílio das concorrentes mais qualificadas dentre nós para assegurar seu bom funcionamento. Mas como descobri-las nesta imensa assembléia, considerando que nós não nos conhecíamos ainda?*”. A sessão é suspensa, os Padres terão três dias para a consulta.

Em regra geral, o Papa não assistia às sessões de trabalho do Concílio. Sua presença não deve impedir a liberdade de palavra dos Padres conciliares. Cada sessão começa com a celebração da santa Missa por um dos Padres conciliares no altar da aula, geralmente segundo o rito em latim, às vezes em rito oriental. Após a entronização do Evangelho sobre o altar do Concílio, o presidente pronuncia a oração de abertura.

Mère Guillemin, a partir da terceira sessão, na qual ela foi admitida como Auditora, tinha uma predileção muito grande por esta Missa. Ela falava desta com um fervor impressionante: “*Por nada no mundo, se teria faltado a esta Missa tão necessária ao trabalho de cada dia...*”.

O MÉTODO DE TRABALHO

A duração de um discurso é limitada a dez minutos, freqüentemente os oradores falam em nome de um grupo, pois, os encontros permitem relações com outras nacionalidades. Ocorre que Europeus recebem dos Africanos a incumbência de falar em seu nome. Isto não quer dizer que a África não ousou expressar-se. O Padre Henri de Lubac, Jesuíta que se tornou Cardeal, teólogo do Concílio, conta o seguinte fato:

“Recordo-me com prazer que a mais bela intervenção ouvida em São Pedro a respeito do esquema da Revelação foi a do Monsenhor Zoungrana, Arcebispo de Ouagadougou (Burquina), falando em nome de 67 Bispos Africanos. ‘Fundamentalmente, dizia ele, o próprio Cristo é a Revelação que ele traz’. Ele fundamentava sua palavra em textos recolhidos na liturgia e na famosa passagem de São João da Cruz na subida do Carmelo. ‘As verdades a crer e os deveres a cumprir, conclui ele, precisam ser consideradas mais em sua relação com uma pessoa viva. Digam ao mundo que a divina revelação é o Cristo. É necessário que a bela face de Cristo resplandeça melhor na Igreja. É por aí que serão renovados os prodígios de amor e de fidelidade que brilhavam na Igreja primitiva”.

A impressão destas palavras sobre a assembléia foi grande. Pode-se dizer que naquele dia, a Igreja da África teve um papel de primeiro plano no Concílio.

Todos estes discursos, feitos em grande parte em latim, foram registrados. Os escrutínios eram feitos por meio de boletins particulares. As decisões eram transmitidas ao Papa cuja aprovação era necessária.

AS SESSÕES DE 1962 E DE 1963

1ª Sessão

O esquema sobre a liturgia é adotado após discussão. Por outro lado o esquema sobre a Revelação é recusado.

O Papa João XXIII morre antes da 2ª Sessão. Ele é substituído pelo Cardeal Montini que toma o nome de Paulo VI

2ª Sessão

Ela abre-se no dia 29 de setembro de 1963. Cerimônia de abertura mais simples, os bispos não são mais colocados por ordem hierárquica e Paulo VI entra a pé na basílica.

No dia 21 de setembro, oito dias antes da abertura da Sessão, Paulo VI pronunciou diante de 1.200 cardeais, prelados e colaboradores dos dicastérios romanos, um discurso de grande importância “A reforma da Cúria” e esclarece ele “uma renovação das relações entre o episcopado e a Cúria”. O acontecimento-chave da 2ª Sessão foi a viagem de Paulo VI para encontrar-se com o patriarca Atenágoras.

3ª Sessão

Dom Helder Câmara, do Brasil, tinha o hábito de guardar seu jornal do Concílio para enviá-lo regularmente à sua querida família de São Joaquim do qual duas cartas nos interessam particularmente.

Carta de 6 de outubro de 1963: A idéia que, se Deus quiser, nos farão avançar no ecumenismo, pelo menos na 3ª Sessão, é a de convocar representantes das Religiosas. Os bispos, os padres e os leigos estão no Concílio. As religiosas, não. E, portanto, elas são uma grande força de dedicação à Igreja e ao próximo. Há mesmo a idéia, impulsionando ainda mais longe o pensamento de confiar-lhes tudo o que não é estritamente sacerdotal...

Carta de 15-16 de setembro de 1964: ... Nós vamos propor duas Comissões pós-conciliares: uma primeira para ajudar na adaptação dos Seminários ao tempo de hoje, uma segunda para ajudar na promoção apostólica das religiosas...

Paulo VI às religiosas

No dia 8 de setembro de 1964, na festa da Natividade de Maria, o Santo Padre celebrou a Missa na grande sala das audiências em Castel Gandolfo diante das religiosas da diocese de Albano, inclusive as monjas enclausuradas. Na alocução que ele lhes dirige, encontra-se a seguinte passagem:

*“...Cremos que chegou o dia em que é preciso dar a maior honra à vida religiosa feminina e dar-lhe uma maior eficácia. E acreditamos que isto pode ser feito aperfeiçoando os vínculos que unem a vida religiosa à vida da Igreja inteira. Neste contexto lhes fazemos uma confidência: nós demos algumas instruções para que algumas mulheres qualificadas e piedosas assistam como **ouvintes** à várias cerimônias solenes e à várias congregações gerais da 3ª Sessão do 2º Concílio Ecumênico do Vaticano, isto é, às congregações no decorrer das quais serão discutidas questões que podem interessar particularmente a vida da mulher. Teremos assim, pela primeira vez, talvez, presente num Concílio ecumênico uma representação*

*feminina, pouco numerosa, evidentemente, mas significativa e de certa maneira simbólica - primeiro de vocês, religiosas, e em seguida, das grandes organizações femininas católicas a fim de que a mulher saiba o quanto a Igreja a honra na dignidade de seu ser e de sua missão humana e cristã... ”.*³

No dia 24 de setembro, o Osservatore Romano publicou a lista das eleitas e Mère Guillemin, Superiora geral das Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo estava na lista das “auditoras” no Concílio, categoria nova entre as outras. Todos os termos usados qualificavam as participantes.

Os observadores são convidados provenientes de confissões não-católicas. Eles assistem às “congregações gerais” sem ter direito, nem à palavra nem ao voto. Toda terça-feira, o Secretariado para a Unidade organiza uma reunião com eles onde ele comenta a realidade conciliar e solicita suas reações.

Os peritos do Concílio, designados pelo Papa, assistem às congregações gerais, mas estes só falam se forem interrogados e não têm direito de voto.

Os peritos privados escolhidos pelos Padres podem aconselhá-los, mas não assistem às congregações gerais. Eles são, porém, comprometidos pelo **segredo**.

A partir da 2ª Sessão foi introduzida a possibilidade de convidar, peritos e **auditores leigos** que pudessem assessorar as congregações gerais.

No dia 12 de novembro de 1964, Monsenhor Huygue, Bispo de Arras (França), tinha pedido em sua intervenção que as religiosas auditoras fossem admitidas para trabalhar com a Comissão conciliar dos religiosos como os auditores leigos foram admitidos para trabalhar na Comissão conciliar do Apostolado dos Leigos. A nota do bispo fazia observar que “*não se pode confundir as diversas formas, vida religiosa masculina e vida religiosa feminina... estas formas comportam diferenças sensíveis suficientes pelo que parece necessário levá-la em consideração*”.

Mère Guillemin entra no Concílio desde a abertura da 3ª Sessão, no dia 29 de setembro de 1964. As auditoras são colocadas na tribuna dos peritos à direita da mesa de presidência e dos Cardeais moderadores. Irmã Rohou, Assistente geral, recebe a missiva familiar dando suas impressões:

“Sem frases, posso dizer simplesmente: é simples e grande... Ver é realmente outra coisa do que ouvir dizer... O Cardeal Antonuiti veio duas vezes me falar de sua alegria pela mudança feita em nosso hábito, a segunda para me trazer um desenho humorístico sobre a tirada da corneta. Tudo isto, é o exterior e tudo isto desapareceu muito depressa quando a Missa começou. Na há impressões a dar, as palavras não podem demonstrar a verdade. Já é um pouco da cidade celeste; é em todo caso a Igreja.... Em seguida, o trabalho começou: intervenções e votos. Eu temia não compreender, mas um Dominicano foi encarregado de nos traduzir o que se dizia. Ele o fez de um modo simples e tão fraterno que não foi de maneira nenhuma cansativa e todos nós acompanhamos tudo perfeitamente... No dia seguinte de manhã, os novos auditores e auditoras deviam chegar um quarto de hora antes para prestar juramento; suponho que foi o juramento de não revelar o que se dissesse no Concílio, o que coloca um limite às minhas confidências”.

Mère Guillemin acrescenta a estas linhas uma nota de observação: “*Desde a entrada de São Pedro, um espetáculo emocionante não podia deixar de atrair a atenção: no transepto onde permanece o Santíssimo Sacramento, era a oração e a confissão dos Padres conciliares: 100 ou 200 encontravam-se às vezes de joelhos, em adoração, enquanto que outros esperavam*

de pé junto aos confessionários que tinham o anúncio de sua língua, antes de ajoelhar-se para receber humildemente a absolvição. Frequentemente no meio dos Bispos em oração, podíamos notar algum observador protestante, notavelmente os dois Irmãos de Taizé, mergulhados numa fervorosa adoração. Sentíamos-nos banhados numa atmosfera ardente do apelo ao Espírito Santo, de busca comum, numa palavra de ecumenismo...”.

Mère Guillemin descreve as manhãs do Concílio como uma longa meditação sobre os problemas da Igreja onde se abriu singularmente sua visão de mundo.

O esquema sobre a vida religiosa está em construção. Antes da votação, os bispos quiseram esclarecer-se mais. O Cardeal Marty da diocese de Paris dirige-se à Mère Guillemin. Ela aceita, depois de ter refletido e alimentado sua reflexão durante anos. Esta conferência lhe será solicitada pelos bispos africanos no início do ano seguinte.

Eis aqui o texto completo de sua conferência aos Bispos da França em Roma, no dia 26 de outubro de 1964.

CONFERÊNCIA AOS BISPOS DE FRANÇA EM ROMA 26 DE OUTUBRO DE 1964

OS PROBLEMAS DA VIDA RELIGIOSA FEMININA

INTRODUÇÃO

OBSERVAÇÃO PRELIMINAR

Observem que falamos aqui somente da **Vida Religiosa ativa**, deixando de lado o que se refere à vida contemplativa que eu não conheço bem. Portanto, o suficiente para pressentir as sérias dificuldades; parece bem que não se deve viver a vida contemplativa no século XX como se vivia há duzentos ou trezentos anos atrás.

Em França, nós nos preocupamos com o problema, e os Superiores maiores desejaram imediatamente que uma religiosa de vida contemplativa viesse tomar parte em seus trabalhos. Um assento lhe havia sido reservado no seio da Comissão permanente da União, mas a autorização necessária não foi concedida.

ALGUNS ESPAÇOS COMUNS

Para toda Congregação, até mesmo para aquelas que ainda não têm absolutamente consciência, porque estão em países pouco atingidos pela crise, **o momento é grave**.

* A extraordinária evolução do mundo, em seus conhecimentos científicos, em suas aquisições técnicas, em seu pensamento filosófico e suas ideologias, a socialização do mundo, a promoção da mulher na sociedade e a do laicato na Igreja, **transformam profundamente o contexto sociológico e eclesial** no qual as Congregações se situam.

Evidentemente esta transformação **afeta a mentalidade das jovens** que vêm às portas de nossos noviciados e que formarão as Congregações de amanhã. Estas jovens, temos que compreendê-las, apreciá-las, ajudá-las a **colocar ao serviço de Deus as grandes possibilidades de sua geração**, e não exigir que se assemelhem a nós.

* Paralelamente, **precisamos revisar e modificar nossa própria mentalidade**, nossos costumes de vida, às vezes mesmo as estruturas de nossas instituições e de nosso modo de agir.

Entrar ativamente na marcha da Igreja, e adaptar-se ao mundo de hoje é **questão de vida ou de morte** para uma comunidade; e, o que é mais greve ainda, de fidelidade ou de traição à sua vocação na Igreja.

OS PROBLEMAS DA RELIGIOSA DE VIDA ATIVA

São os mesmos do homem contemporâneo

Temos muita tendência em considerar a religiosa como um ser a parte, retirado do mundo, inconsciente e insensível às suas mudanças.

Porém, pela trama ativa de nossa vida, **nós somos deste mundo** e, sob muitos aspectos **vivemos sua evolução como qualquer outra pessoa**. Eu não disse: pela “parte” ativa de nossa vida. Eu disse: pela “trama” ativa de nossa vida. Nossa vida religiosa não é uma parte de nossa vida separada da ação; nossa maneira de ir a Deus, nosso modo de união com Ele, e o lugar de nossa contemplação se situam em nossa ação e no encontro com as pessoas que nos rodeiam em todo momento: *“Se uma Irmã vai dez vezes por dia aos pobres, dez vezes, encontrará aí Deus” diz São Vicente.*

É necessário dizer isto antes de abordar o problema. Frequentemente, confundem-nos nas relações, nos conselhos dados, na direção espiritual, com as monjas. É um desses erros básicos que falsificam os pressupostos de um problema.

O lugar de nossa vida religiosa é o mundo, e nós sofremos a opressão como qualquer outro de nossos contemporâneos.

Poderíamos citar muitos exemplos. Contento-me com um pequeno resumo que meus contatos com o pobre “Francês médio” me revelaram bem verdadeiro. A maior parte do tempo ele vive numa espécie de tensão:

- Entre suas possibilidades de homem mediano e as exigências científicas e técnicas de uma civilização elevada ao nível de um quase super-homem.
- Entre suas necessidades profundas de realização e de equilíbrio pessoais, e a usurpação de uma socialização que o escraviza em todos os aspectos.
- Entre as impressões diretas e familiares, humanamente perceptíveis dêem seu ambiente próximo, e a multiplicação das notícias universais transmitidas pelas ondas.
- Entre suas idéias antigas e tradicionais e as grandes correntes do pensamento contemporâneo que se apresentam com todos os meios da propaganda.
- Entre sua necessidade natural de tranqüilidade, de silêncio, e a invasão do barulho bem como a rapidez do ritmo de vida.

É o lugar onde soam múltiplos apelos convidando-o a comprometer-se numa maneira de ser, de viver, de pensar, que lhe faça superar-se. Este estado de tensão, vivido claramente em diversos graus de lucidez segundo os indivíduos e as circunstâncias, parece ser uma das características de nosso tempo, impregnada, todavia de uma civilização já ultrapassada, e violentamente levada a uma renovação radical de todas as coisas, uma nova ordem, todavia mal equilibrada.

Nós, religiosas, como todos os nossos contemporâneos, vivemos isto: somos tentadas a encontrar nosso ponto de apoio nos costumes e tradições, e nossa segurança na referência ao passado; enquanto que, por outro lado, nos vemos solicitadas, atraídas, mesmo violentamente a uma nova concepção das coisas, ainda pouco clara, e que, finalmente, temos a

responsabilidade, com todos nossos irmãos, de buscar e descobrir. É uma situação muito menos confortável do que a das gerações que nos precederam... muito mais exigente.

Não há fidelidade verdadeira fora desta busca; a fidelidade de nosso tempo só pode ser dinâmica, e não estática.

OS PROBLEMAS DA RELIGIOSA EM SUA AÇÃO

Não diferem dos do cristão comprometido no mundo

O cristão comprometido no mundo trabalha em vista da nova ordem vislumbrada; **leva sua contribuição na construção do mundo** técnico e socializado do amanhã. Mas, ele se separa deste mundo pela visão de fé que anima sua ação. Por mais sincera e total que seja sua adesão ao mundo, deve dissociar-se dele em muitas circunstâncias se for fiel ao seu batismo. A vida do cristão, dividida entre o mundo e Deus pelas opções reveladoras de sua fé, faz escândalo, é um sinal, um apelo que Deus dirige ao mundo.

Entre **estes cristãos, estamos nós, as religiosas**. Antes de sonhar com um testemunho especificamente religioso, temos que dar o testemunho cristão, na vida e na profissão; e isto talvez, nós o tenhamos muito tempo e freqüentemente esquecido?

Antes de pensar em “religiosa”, ou melhor, como fundamento, como trama de nosso testemunho religioso, nós temos que viver como técnicos e profissionais cristãos num mundo socializado. Vejamos alguns exemplos dos problemas criados por esta situação:

A SOBRECARGA, UMA CERTA TENSÃO NERVOSA

Falamos bastante da religiosa, sobretudo da religiosa que trabalha no campo da saúde e social, que ela está sobrecarregada, cansada, estressada; e esta observação foi sempre feita como uma repreensão. Sem dúvida, algumas vidas religiosas justificam esta repreensão (recusa de uma nova organização, não aceitação de uma colaboração com leigos, recusa de um descanso e descontrações necessários): porém, a maioria do tempo, não há nenhuma culpa; mas, frente às novas situações que exigem a revisão radical de um estilo de vida, o ponto de equilíbrio não foi ainda encontrado ou não pôde ser alcançado. Mas, poderíamos dizer: isto é particular à vida religiosa? Qual é o trabalhador, o empresário, o médico, a mãe de família que não reclama com a justa razão “de não ter mais o tempo para viver” e que não esteja em busca de uma existência “mais humana”?

Há aqui, provavelmente, uma questão de planejamento da vida, e é a séria responsabilidade dos superiores de velar sobre isto. Há também um novo tipo de ascese, própria à vida religiosa ativa; ascese que deve ser tanto mais querida quanto ao que ela abrange o problema do mundo e, particularmente, do mundo operário, esmagado por uma ordem de coisas que ele mesmo não pode remediar a não ser com muito esforço e lentamente.

Não é tanto em função da vida religiosa, mas em função de sua inserção no mundo que a religiosa, assim como o homem e o cristão do século XX, sofre as tensões inerentes ao seu tempo.

A SOCIALIZAÇÃO E AS COLABORAÇÕES QUE IMPLICA.

Inserida numa profissão, a religiosa vive suas exigências, deve observar suas leis e exercê-la com toda a técnica possível. Assume esta profissão num mundo socializado e vê como sua ação se relaciona com a de numerosos colaboradores e com profissões adjuntas.

Encontra-se em dependência ou em relação com múltiplos órgãos públicos ou privados. Toda uma rede de obrigações sociais ou administrativas, serenamente ignoradas por nossas obras de outrora, pesam sobre ela pela mesma forma que sobre seus colegas: Serviços administrativos, serviços sociais, movimentos de ação católica, de formação catequética e outras, etc.

As relações humanas e cotidianas sofreram um aumento considerável. Em tempos anteriores, a Irmã, num hospital, encontrava-se sozinha com 3 ou 4 empregados; um médico que cuidava de todos os doentes, fazia a visita duas vezes por dia e o venerávamos como um pai.

Agora, o setor hospitalar vê a equipe de enfermagem hipertrofiar-se cada vez mais. Uma religiosa que ocupa o posto de supervisora num Centro Hospitalar Universitário (C.H.U) pode ter, em média, até 175 pessoas que esperam diariamente dela cuidado e reconforto, colaboração, diretivas e orientações em seu trabalho.

O grupo humano ao qual ela se refere pode compreender, como num caso preciso em C.H.U.: 125 pacientes, 1 especialista, 4 Assistentes, 10 internos, 16 enfermeiras diplomadas do Estado, 8 auxiliares de enfermagem, 15 agentes hospitalares, 8 alunas-enfermeiras do 2º ano, 4 alunas enfermeiras do 1º ano ou seja **187 pessoas**, sem levar em conta os estudantes de medicina, do fisioterapeuta, da nutricionista, das duas secretárias dos médicos, com os quais existe intercâmbios diários e que é necessário acrescentar os contatos diários com as famílias dos pacientes. Assim, pouco a pouco, o centro único de ação concreta da religiosa se intensifica e, não se limita mais ao doente, à criança, à pessoa angustiada; o conjunto humano que gravita ao redor dela requer também a atenção, a simpatia ativa, e todo este supérfluo mal definido que se espera inconscientemente da religiosa.

Poderíamos também detalhar as relações da Assistente Social, das que cuidam dos doentes em domicílio com seu terrível problema do número e das urgências. Eu falo menos da educadora paroquial, ela é menos profissional, mas deve talvez tender a sê-lo mais. Ela tem grande dificuldade para ajustar seu horário com o das pessoas.

O REINO DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA

É rico em exigências e esconde muitos perigos. No seio de nossas equipes profissionais ou humanas, colaboramos primeiro como técnicos; para nós bem como para os outros, existe através das novas descobertas, um certo dinamismo intelectual que se orienta para o que se chamou “o determinismo médico”. O ambiente hospitalar onde se conquistam tantas vitórias sobre a natureza e sobre a morte, onde a inteligência humana faz retroceder cada dia os limites do impossível, chega a ser **facilmente destruidor da fé**; é necessário à religiosa que aí trabalha bases teológicas enraizadas numa doutrina clara, e numa vida espiritual profunda; senão, ela perderá a visão cristã que deve ter das coisas e das pessoas.

O doente, em todo este conjunto técnico que talvez o salve, mas que o preocupa, tem imperiosamente necessidade de outra coisa. Citemos um fato:

Num hospital recentemente aberto, foi colocado num quarto perto da sala de reanimação esse novo aparelho que realiza de longe o registro simultâneo da temperatura, do pulso e da tensão. Se há alguma anomalia, um assvio agudo alerta a pessoa de guarda. Uma noite de plantão, a religiosa responsável, não podendo resignar-se em ser uma simples observadora deste quadro, entra no quarto onde o paciente, em princípio, deve estar em estado de semi-inconsciência. Para sua grande surpresa, encontra este com o olhar ansioso voltado em direção à porta. Está incapacitado de falar, mas sua mão se agarra no avental da Irmã e seu olhar designa a cadeira junto do leito.

Esta exigência combinada de técnicas profissionais e atenção ao doente, obriga a religiosa a permanecer constantemente acordada. A adesão que ela dá à evolução científica de sua profissão, e que assume tecnicamente como **um dever de justiça** para com os doentes, não deve diminuir nela o sentido da pessoa humana, filho do homem e filho de Deus. Sua atitude modela freqüentemente a atitude da equipe que precisa desta referência para permanecer presente às necessidades do doente, relacionadas, sem dúvida, com o plano biológico, mas também com o plano psicológico e espiritual. (Sua presença é, às vezes, uma admoestação e sempre um toque de atenção).

Esta vida de equipe não deixa de colocar também seus problemas no interior do serviço hospitalar. O “Patrão”, mestre da ciência e organizador da técnica é cegamente escutado e obedecido; e, se tem como muitos têm hoje, o sentido de colaboração e a preocupação de reunir em torno de si toda sua equipe num pensamento comum, chega a ser quase um deus. Ao redor dele se reúne a equipe hospitalar, unida pelas mesmas tarefas, dedicada ao mesmo serviço, voltada na mesma busca, e se criam profundos laços de união. A religiosa vive nesta equipe a maior parte de sua vida e obrigatoriamente entre ela e os outros membros da equipe, criam-se vínculos de união tanto espirituais como afetivos (contra o qual eu não me oponho). Mas, que profundidade de vida interior, que força e que doçura de vida comum se fazem necessárias para que permaneçam preponderantes os laços de comunidade e o amor único a Cristo, em que reside a castidade?

NECESSIDADE DE UMA FORMAÇÃO CONTÍNUA E DE ESPECIALIZAÇÕES.

Em nosso tempo, uma formação nunca está acabada. Constantemente, a religiosa é impelida a uma nova ordem, uma nova descoberta da técnica ou da ciência; ela deve trabalhar para alcançar um nível superior ao que já possui. Um caso:

Uma supervisora de um de serviço de medicina num Centro Hospitalar Universitário foi enviada por seus Superiores à Escola de Formação de enfermeiras e monitoras, a fim de se preparar para assumir com maior competência, e com os títulos exigidos, o cargo que ela já desempenhava. Entretanto, toma-se a decisão de abrir, onde ela trabalhava uma seção para o tratamento das doenças metabólicas. Trata-se aqui de uma especialidade muito concreta que exige um aprofundamento sério sobre a patologia renal e particular, e de todas as doenças metabólicas em geral. Esta responsabilidade suplementar não pode ser assumida pela Supervisora (Enfermeira-chefe de hoje), sem uma certa familiaridade com a dietética (nutricionista), os medicamentos específicos, os métodos de depuração sanguínea, rim artificial, etc. Desde seu retorno, de posse do seu título de Supervisora diplomada, esta religiosa deve voltar para fazer um estágio em serviço especializado. Sem este lhe seria impossível coordenar o trabalho de sua equipe de enfermagem com o da equipe médica.

Como todo homem de nosso tempo, a religiosa está, pois, voltada para uma perfeição profissional que o progresso exige continuamente. Ela deve atualizar-se em seu ramo, manter-se em dia em relação às últimas descobertas e, entretanto não ceder ao atrativo da ciência pela ciência; mas, manter uma maneira própria de aplicar a técnica, de humanizá-la neste mundo que ameaça escravizá-la, reintegrando-a a função que lhe corresponde, que é a do “serviço”. Em uma profissional o ofício é o preponderante; na religiosa, ele é e deve ser o veículo do amor. **Saber domesticar a técnica** orientando-a unicamente para o bem do homem, dar em todos os atos técnicos a primazia à compreensão, à atenção para com a pessoa humana que os recebe, numa palavra à caridade, já não é isto indiretamente, anunciar Deus?

Por último, **A MANEIRA DE CONCEBER O APOSTOLADO** leva também consigo seu contingente de novos problemas.

Dou apenas dois exemplos curtos e sem comentários; sempre tirados da vida no hospital que é decididamente, um campo de experiência privilegiado.

Antigamente, as instruções dadas às Irmãs dos hospitais lhes ensinavam a se preocupar com o paciente durante sua permanência no hospital: fazendo o possível para que recebessem os sacramentos. Resumindo, dizia São Vicente, *“preparar o doente a bem morrer, e se ele tem possibilidade de recuperar-se, a melhor viver”*. E a noção do desprendimento religioso assim como a necessidade de não perder tempo, intervinham, portanto para proibir as relações com os pacientes saídos do hospital.

Agora, pela graça de Deus e... da técnica, há cada vez menos mortes no hospital; as permanências são cada vez mais curtas, e muitas vezes nossa preocupação não será tanto o de desejar uma “conversão” instantânea, visível e brilhante, mas a de colocar um grãozinho de areia no trabalho da graça, e ajudar a uma orientação. Um cirurgião, bom católico, dizia a um grupo de religiosas em uma conferência: *“É necessário criar laços com seus pacientes e em torno deles; fazer com que eles nunca saiam do hospital sem terem sido recomendados a alguém da sua paróquia, um padre ou um militante”*; e ele explicava seu método. Isto é relativamente fácil num hospital de média importância, mas em nossos imensos hospitais universitários!...

Outrora, também, num serviço hospitalar, numa escola, em qualquer contato com as pessoas, a influência religiosa parecia pertencer exclusivamente à “Irmã”. Esta ação correspondia a ela. Era ela que se ocupava dos moribundos, a que explicava o catecismo nas classes, a que as famílias chamavam para falar de Deus.

Agora, este privilégio (se é que era um privilégio) desapareceu. O despertar dos leigos sobre suas responsabilidades apostólicas, fez cair o monopólio e, em todos os lugares onde esteja a religiosa, ela deve pensar numa “ação planejada” com tendência em não agir sozinha; sua função consistirá sempre em preparar, apoiar ou prolongar o papel dos leigos.

No hospital, as enfermeiras cristãs reivindicam suas responsabilidades espirituais.

Na escola, as professoras querem, elas mesmas, dar a instrução religiosa.

Em todo caso, jovens ou adultos se relacionam com mais facilidade com os militantes do seu próprio ambiente do que com a Irmã.

Se isto não é compreendido e aceito, cria nas religiosas um complexo de frustração...

Muitas colocam em dúvida sua própria vocação, ou o futuro e a necessidade da vocação religiosa. *“Estou disposta, dizia recentemente uma jovem Irmã professa de alguns anos, a doar minha vida... mas eu não quero dá-la por algo inútil e sem futuro”*. Ela não tinha ainda compreendido bem que não se dá a vida por algo, mas por Alguém.

E tocamos aqui em outro problema, **O PROBLEMA DAS VOCAÇÕES**

Eu falarei deste apenas, não porque se trata de algo sem importância ou pouco atual; mas, pelo contrário, é urgente e de vital importância. Mas, não me parece ser um problema isolado, bastando-se a si mesmo. Creio na perenidade da vida religiosa na Igreja. Creio, por consequência, que as vocações religiosas existem, mesmo atualmente. Creio, igualmente, nas jovens de hoje e em sua generosidade. Não é a vontade de Deus que falta, nem seu apelo, nem os jovens aptos a recebê-la.

Ouso dizer que não são os pecados e as fraquezas das Congregações religiosas que colocam obstáculos irremediáveis. Não me parece que sejam mais deficientes e mais culpadas do que as gerações anteriores.

Mas, sem que tenham percebido, levantou-se um muro entre o mundo e elas. Permaneceram imóveis, e o mundo avançou, e a Igreja também, e elas estão um pouco... atrasadas.

Há, entre o mundo e nós, divergências de visão, de ação, de linguagem que nos impedem de encontrarmo-nos; ou, pelo menos, não são suficientes para entrar em comunhão.

O problema das vocações é uma consequência dos diferentes problemas já citados e da não adaptação das Congregações a estes problemas.

O PROBLEMA DA ADAPTAÇÃO

Como abordar este problema da adaptação, do qual já se tem falado tanto e tão bem?

Para uma primeira observação muito importante, creio eu. Por que um giro de espírito, um pouco estranho, instintivo na maioria das religiosas, faz comparar **a idéia de adaptação ao do relaxamento**? Isto é nefasto em dois sentidos opostos: por um lado, a adaptação, contudo tão necessária, será considerada como um perigo pelos espíritos tradicionalistas e fervorosos, mas pouco claro; por outro, ela será considerada como uma liberação de todo constrangimento por Irmãs imbuídas por um ardor apostólico duvidoso.

Quando se diz “adaptação”, pensa-se imediatamente em mudanças exteriores. Hábito, alojamento, manutenção, linguagem, etc. Tudo isto é de importância secundária, e não deveria ser senão o resultado da verdadeira adaptação.

Outras mudanças externamente controláveis são de importância muito mais consideráveis: a adaptação da vida e das fórmulas de orações às orientações litúrgicas da Igreja. A adaptação dos horários às exigências apostólicas; a questão das relações com as famílias (visitas, hospedagem, ajuda em caso de necessidade), com o mundo (regulamento dos contatos, da colaboração, das refeições, etc.), o uso dos meios modernos de informação: rádio, televisão, jornais, revistas, leituras, etc.

Se tentarmos estudar estes problemas um por um, rapidamente perceberemos que são insolúveis se os focalizamos no plano de uma regulamentação formal. A verdadeira e única solução está no espírito que deve animar as decisões a serem tomadas, não só no plano geral, mas também nos casos particulares.

Isto nos faz dizer **que o problema da adaptação é essencialmente um problema de conversão**.

Não se trata de mudar um modo de agir, de mudar de método, trata-se converter-se, de passar de uma postura de espírito habitual a uma nova maneira de ver e de compreender, e, finalmente de agir. Estas posturas de espírito são, às vezes, seculares; eram boas em seu tempo, porque respondiam a uma situação. Agora já não o são; e inclusive, são uma deformação por endurecimento ou exageração, daquilo que eram na origem.

É-nos necessário estudá-las e controlá-las através do que poderíamos chamar os dois pólos de nossa conversão; a inspiração primeira dos fundadores e a busca atual da Igreja.

Por exemplo: toda congregação deve controlar de vez em quando se a observância da pobreza permanece o que quiseram seus fundadores, mas não pode deter-se aí, e deve controlar igualmente este tipo de pastoral da pobreza, buscada pela Igreja de hoje.

Eu não acredito na conversão de uma Congregação que olha apenas para o que faziam seus fundadores, assim como não acredito na conversão de uma Congregação que olha somente para que o faz a Igreja de hoje.

Parece-me que se esta reflexão é feita esquecendo um ou outro, corre-se o perigo de equivocar-se. É preciso que um ilumine o outro. Isto é próprio de cada Congregação dir-se-ia, mas afinal de contas, nossos fundadores não fizeram outra coisa do que nos ensinar o Evangelho e, eu acredito que todos poderiam subscrever, aprovando as linhas de conversão que parecem estar traçadas, ao mesmo tempo pela evolução do mundo e pelas indicações da Igreja.

Se ela quer ser fiel ao mundo, ao Cristo e à Igreja, e por consequência aos seus fundadores,

HOJE, A RELIGIOSA É OBRIGADA A PASSAR:

- De uma situação de posse, a uma posição de inserção;
- De uma posição de autoridade, a uma posição de colaboração;
- De um complexo de superioridade religiosa, a um sentimento de fraternidade;
- De um complexo de inferioridade humana, a uma franca participação na vida;
- De uma preocupação de “conversão moral”, a uma preocupação missionária.

É necessário confessar que isto supõe uma verdadeira **reversão** de nossas posições tradicionais e que exige uma longa e perseverante preparação das pessoas. É preciso também saber que isto **nos levará a opções bastante sérias**; finalmente, é preciso **estar persuadido** de que **não aceitar esta reconversão** é ir em direção oposta à caminhada do mundo e da Igreja... **e se condenar a sofrer as consequências.**

Entremos em detalhe:

Há algumas décadas, a vida religiosa se desenvolvia pacificamente numa tranqüila segurança quanto às obras a serem realizadas, e com autoridade incontestada dentro destas obras.

Num bairro, a comunidade de Irmãs que cuidavam dos doentes, desenvolvia-se num terreno sem concorrência, admiradas por todos, ostentando uma espécie de monopólio neste tipo de atividade. Agora, ela se encontra diante de órgãos constituídos de “trabalhadoras domésticas” ou de “auxiliares de limpeza”, e diante de enfermeiras que exercem sua profissão a domicílio. A Comunidade deve “inserir-se” em todo este conjunto; ela deve prover-se dos diplomas necessários, tendo em contas as leis da profissão e das exigências de uma leal colaboração. Ela não “possui” mais este tipo de serviço ao próximo; ela “se insere” dentro dele, e freqüentemente com uma inferioridade econômica e numérica evidentes. Somente sua qualidade de religiosa a distingue do conjunto e a confirma, todavia, é necessário reconhecer que em quase todos os lugares, há uma preferência e uma confiança mais hereditárias do que justificadas; mas talvez isto não dure muito.

Antigamente, a comunidade formava “o corpo de enfermeiras” do estabelecimento; a ninguém teria tido a idéia de introduzir uma enfermeira leiga; e, quando a necessidade se fez sentir, as enfermeiras foram contratadas a título de subalternas, de auxiliares, sob a direção da Irmã “possuindo”, por direito moral e administrativo (em virtude de um convênio), o posto e o cargo de Supervisora de serviço. E a Irmã passou a “possuir” **suas** enfermeiras, como antes ela possuía **suas** empregadas, **seus** pacientes, etc.

É necessário descer deste pedestal e despojar-se destas riquezas. Agora, há apenas umas vinte Irmãs para 200 enfermeiras num hospital e a nova Convenção hospitalar prevê para as Irmãs o mesmo processo de acesso aos postos de autoridade que para os leigos. Agora, temos Irmãs jovens que trabalham sob a direção de Supervisoras leigas. O que não deixa de criar problemas... (Na Argélia, temos Irmãs que trabalham humildemente sob a direção de seus ex-alunos, e que levam muito a sério a tarefa de ensiná-las a exercer sua autoridade).

Se dermos uma olhada na situação das escolas, encontraremos problemas semelhantes, embora diferentes, porque vividos em setor privado, com propriedade financeira e liberdade de administração. Mas, aqui também as religiosas não formam “o corpo docente”: elas encontram-se imersas no conjunto de professorado numericamente superior a 80 ou 90%. E nós vamos encontrar o problema das A.E.P (Associações de Pais de Alunas). É necessário constituí-las e deixar em suas mãos a administração econômica dos estabelecimentos? Não é melhor assumirmos as responsabilidades pedagógicas em colaboração com o corpo docente leigo e com os pais?

Se passarmos à realidade do apostolado direto, o do ensino religioso, por exemplo, encontramos-nos com situações análogas: outrora, confiava-se um catecúmeno à uma religiosa que, uma vez terminada a instrução, o apresentava ao exame de um sacerdote; ele era seu catecúmeno. Agora, a Irmã se integra em seu posto, com uma função variável de acordo com os casos, na equipe do catecumenato de adultos; o catecúmeno não pertence a ela senão à Igreja.

Perdeu-se a possessão, e perdeu-se a autoridade; mas ganhou-se em inserção e em colaboração.

Esta caminhada rumo a uma nova ordem é **irreversível**; tem raízes muito mais profundas do que a simples pesquisa de um homem ou de um grupo; ela não é o resultado de uma escola. É o despertar de uma evolução histórica e controlável. Em qualquer realidade atual, quer seja industrial ou comercial, social ou pedagógica, a gestão, a organização, a orientação são reivindicadas pelos usuários, e é necessário dizer com todo direito.

Há muitas maneiras de viver isto. Uma delas consiste em lamentar a antiga ordem, esperando confusamente o seu retorno, e esforçando-se por conservá-la em todos os lugares onde isto parece ainda possível.

Outra maneira é a de descobrir nesta evolução **o apelo do Senhor** a uma vida muito mais autenticamente evangélica, e de caminhar neste sentido. Pode-se “retroceder” com mau humor; ou pode-se **entrar no jogo** da história, no jogo de Deus, com alegria e admirando seus desígnios.

Como é fácil assimilar estas exigências de despojamento com verdadeira pobreza de espírito. Haverá circunstâncias particulares nas quais, por dificuldades cotidianas e pessoais, não encontramos a atitude justa, a reação saudável, numa maneira determinada e concreta de agir; mas, em cada ocasião a resposta justa deverá brotar de atitudes profundas e de um estado de pobreza interior, de despojamento no qual estamos habituadas a viver. É nos gestos e na maneira de viver que se revela o coração possessivo ou a alma pobre.

A religiosa que aceita compartilhar suas responsabilidades com seus colegas de profissão; aquela que sabe rebaixar-se, retirar-se diante da influência de uma outra religiosa, ou de uma colaboradora leiga, tem alma de pobre.

A **pobreza** deveria ser nossa melhor forma de dar testemunho. Ela preside a tudo, se afirma ou se perde em todas as nossas atitudes. Raramente por um ato isolado ela é reconhecida como um sinal de Deus e que atrai à fé. Enquanto um **ato isolado, aparentemente contrário à pobreza, é imediatamente captado e assinalado pela opinião** pública e atribuído como contra-testemunho, serão necessários muitos atos reiterados e atitude unânime da comunidade, para que se desprenda dela um sentido religioso.

Todas nós carregamos, e pesadamente, o **problema da pobreza comunitária**, que nasce da riqueza aparente dos locais e do poder das instituições.

Um elemento de solução não nos é oferecido pela própria **evolução** do exercício de nossas atividades? E sua socialização? O fato de **sair do mistério** que outrora envolvia e que envolve ainda hoje **a contabilidade de nossas comunidades**, de oferecer os orçamentos à comprovação pública. O fato eventual de admitir, quando a prudência o permitir, de confiar a administração de nossos Colégios, de nossos Centros Sociais ou de outras obras, aos próprios **usuários**, não virá confirmar claramente a **pobreza** da comunidade? Se tudo está claro, se é visível e controlável, que a comunidade não dispõe mais de recursos modestos para sua própria vida; se a realização e a melhoria da instituição se tornam como fruto dos esforços e, de certo modo, a propriedade dos beneficiários (mesmo se os bens imobiliários continuam sendo a propriedade da comunidade), o **escândalo da riqueza** não desaparecerá? Mas que evolução de mentalidade não supõe tudo isto?

Nossas congregações devem abandonar suas posições de posse e de autoridade comunitariamente. É justo dizer que freqüentemente pensamos muito em “comunidade” e em “interesses da comunidade” e que não pensamos suficiente em “Igreja”. Nenhuma comunidade é um fim em si mesma; não tem sentido nem razão de ser senão por sua pertença à Igreja e por sua vocação na Igreja. E sua vida, seu desenvolvimento, seu crescimento só se justificam à luz das necessidades da Igreja. Isto não traz nenhum prejuízo aos interesses nem à vocação própria de cada Instituto, mas ao contrário. E não seria neste sentido que precisaria orientar o chamado às vocações: fazer passar ao segundo plano as angústias, por maiores que sejam, e as necessidades da comunidade como tal (já que isto nunca poderá justificar o dom de uma vida), para transmitir às jovens o chamado do Senhor, o apelo da Igreja, às tarefas que ela quer realizar no mundo. Quanto mais urgente, mais verdadeiro seria este apelo.

Isto não é uma oportunidade nem uma manobra, é simplesmente a doutrina mais pura e verdadeira.

Outro plano de conversão refere-se às nossas relações com aqueles que antes chamávamos “nossos pobres” e que hoje devemos chamar “nossos irmãos”. Falou-se muito de clericalismo no Concílio; é um fenômeno semelhante que manchou a postura de espírito e de ação das Comunidades.

As religiosas acreditavam de boa fé, que elas detinham o monopólio da caridade e da influência espiritual. É comum dizer que é preciso renunciar toda atitude **maternalista**, escutar tanto como receber, promover a iniciativa pessoal ao invés de substituí-la e de socorrer, descobrir no “outro” tudo que o Senhor realizou nele. O tempo das senhoras benfeitoras passou e agora, temos que entrar na medida do possível, em fraternidade com aqueles pobres com os quais vivemos, para tentar compreender seus problemas, acompanhá-los em sua vida. Creio que toda comunidade deveria pedir insistentemente cada dia a graça da união de espírito com aqueles que estão ao seu lado; é aí que se encontra a medida exata de nossas relações.

Inversamente, as religiosas devem sair de uma espécie de complexo de inferioridade humana, a fim de participar tão simplesmente da vida das pessoas e dos organismos com os

quais são chamadas a cooperar. Tocamos aqui na segunda advertência dirigida freqüentemente às religiosas: **o infantilismo**.

É necessário tender, não tanto a preservar as Irmãs de todo contato nocivo com o mundo, mas em favorecer a elas uma formação de alma e de espírito que permita assim a informação suficiente, pelos meios atuais, dos acontecimentos e do pensamento contemporâneo, dando lugar a relações abertas e normais.

Mesmo o enfoque apostólico, como conseqüência da descristianização do ambiente, sofreu uma mudança considerável. A inquietude das gerações que nos precederam era de levar a Deus por **uma conversão moral** os cristãos que o haviam abandonado.

Agora, trata-se muito mais de apresentar Deus e fazer descobrirem o Evangelho: deve dominar a **inquietude missionária**. Dominar, não somente através de um ensinamento que raramente pode ser dado, mas durante a vida inteira.

Cada religiosa e cada comunidade local deve ter esta preocupação missionária, sentir-se responsável de anunciar e de testemunhar o Evangelho. Teria ainda que ser feito uma grande pesquisa sobre este ponto fundamental. Parece-me que seria necessário trabalhar o espírito missionário das religiosas de França; que elas se sintam capazes e responsáveis, na Igreja, do apelo à fé: que tomem consciência de que sua maneira de viver, suas atitudes, suas opções têm repercussões que elas não podem suspeitar em todos os aspectos.

(É necessário dizer que a vida religiosa passa por uma espécie de ostentação perpétua; poucos gestos ou atitudes escapam a uma convergência de olhares; no bairro cujas ruas percorre, nas famílias das quais ela cuida dos doentes, em sua classe, no serviço do hospital, nas relações sociais ou administrativas. Só o fato do hábito que usa chamar a atenção, desperta preconceitos favoráveis ou desfavoráveis. Uma exigência é subjacente diante de todos os olhares que a observam ou se desviam).

Que vida é mais pública do que a nossa, e menos compreendida em sua realidade profunda? A vida religiosa e o verdadeiro sentido dos Votos são cada vez menos percebidos por nossos contemporâneos, apesar de certa publicidade. O que atrai as multidões para os filmes e romances que pretendem descobrir “o que se passa” no interior dos conventos ou das almas religiosas é o gosto pelo mistério, a curiosidade pelo que está oculto e não um atrativo religioso autêntico. Tudo o que é percebido deste modo é mais ou menos projetado sobre as religiosas encontradas.

O que não cabe dúvida é o clima de exigência que cerca a vida religiosa. Exigência mal enfocada que não procede de uma visão de fé, mas que encerra sempre o desejo inconsciente; que não se fundamenta em valores religiosos verdadeiros, mas apóia-se sobre pontos particularmente sensíveis ao nosso tempo.

Onde, pois, e como poderá se criar um verdadeiro contato espiritual de onde poderá brotar uma chama de fé? É o mistério da ação de Deus. Cabe a nós somente derrubar os obstáculos e criar as condições favoráveis. Não falamos a mesma linguagem que aqueles que nos escutam e o que nós cremos ser sinal, não evoca, freqüentemente, nada para eles.

Diante deste tipo de exigência, não basta desde então “ser” uma religiosa profundamente fervorosa, sem se preocupar em expressar este “ser” através de uma linguagem e de sinais compreensíveis para aqueles que nos vêem viver.

Estes sinais não serão legíveis se a nossa inserção neste mundo não estiver fora de dúvida; se a religiosa se coloca no nível daqueles que a rodeiam, com atenção permanente aos seus problemas sociais e profissionais: esforços de promoção, greves, sindicatos, etc.; se ela se mostra atenta e sensível aos seus problemas humanos: orçamento, alojamento, futuro dos filhos...; se ela se situa como auxiliar, como ponto de apoio, numa busca de diálogo, de intercâmbio. Se ela não se mantém afastada das pessoas por um certo distanciamento da linguagem, ou de atitudes e de costumes defasados, em desacordo com o nosso tempo, provocando uma estranheza sobre o que Monsenhor Ménager nos disse um dia: *“Há um mistério da vida religiosa que não é nada evangélico”*.

Uma certa semelhança de vida, uma maneira de ser profundamente humana, é a condição indispensável para que a “ruptura” feita pelos Votos revista um sentido evangélico. A preocupação missionária deve invadir a alma da religiosa.

Ora, se o problema de adaptação é em substância um problema de conversão, isto significa que ele se reduz a um problema de formação.

O PROBLEMA DA FORMAÇÃO

O verdadeiro problema é o da formação e tudo deve ser sacrificado por ela. A partir dela os outros serão resolvidos.

Formação no interior das Comunidades

O conceito da formação, não inclui unicamente a formação dada às Irmãs jovens nos noviciados e junioratos, nem se limita àquela que se dá nas diversas etapas da vida religiosa, como por exemplo, a do 3º ano.

Em nossa época, marcada por um defasamento tão forte entre a formação recebida há vinte ou trinta anos e a situação e as exigências atuais, **o esforço de formação deve envolver toda a Congregação**. Cada uma deve encontrar a forma a que melhor se adapte: sessões intensivas, repetidas jornadas de formação, etc. Pode-se encarar isto por categorias de idade ou por categorias profissionais; os dois sistemas têm suas vantagens, e o melhor é de se servir continuamente de um ou de outro método de reagrupamento para não criar nenhuma ruptura. Nenhuma Irmã da comunidade deve se sentir excluída deste esforço de evolução, todas devem sentir-se integradas, incluídas, parte ativa do mesmo. Elas devem sentir-se “escutadas”, é o essencial.

O problema maior é o da **formação das Superiores locais**. daquelas que se prevê que ocuparão algum cargo e daqueles que já o ocupam; e inclusive das que o exercem depois de longos anos. Uma das grandes dificuldades de nossa geração é a grande distância que existe entre a formação recebida pelas Superiores responsáveis, e a que é dada às Irmãs jovens de hoje. Isto constitui uma fonte de sofrimento para umas e outras que origina muitas crises de vocação. É necessário arriscar tudo para tentar ajustar o espírito das Superiores locais “ao hoje”. Retiros especiais, sessões, jornadas de formação e de intercâmbios são necessários...

Numa destas Sessões de formação, um psicólogo dizia: *“A formação à autoridade não se faz por cursos e conferências, pelo menos exclusivamente; ela se faz através de intercâmbios. Refletir, por grupos de 8 ou 10, ou mais, em torno de um problema de autoridade vivido recentemente”*.

O que se diz dos problemas de autoridade, pode-se dizer a respeito de outros problemas, e eu creio que a evolução de uma congregação se orientaria de modo satisfatório e rápido se as Superiores Maiores considerarem estes intercâmbios como um de seus deveres mais urgentes.

Para dizer algumas palavras sobre as condições e verdadeira orientação que deveria dar a todo o conjunto da formação, mas penso aqui **de modo particular nos noviciados**, insistiremos somente em alguns pontos mais difíceis:

- Necessidade de bases teológicas profundas,
- Uma formação que vise a levar as pessoas a serem adultas,
- Uma formação dada “em Igreja”,
- Uma formação aberta à vida.

Sobre a necessidade de bases **teológicas profundas**, eu menciono uma jovem de 32 anos, que saiu decepcionada depois de uma experiência no noviciado: *“Parece-me que o Senhor me chama a uma consagração total, mas com uma teologia “repensada” da pobreza e da obediência”*.

Aqui está o nó da questão: a evolução, a “conversão” de nossas congregações julga-se em torno de uma doutrina “repensada” em função das condições apostólicas atuais.

Cito, sobretudo, o mal estar que pesa, sobretudo, na questão da obediência. Evidentemente, a formação doutrinal deve chegar a todo o conjunto: dogma (é muito importante), moral, doutrina social, etc., mas a questão dos Votos é essencial.

Desde o noviciado, a formação deve levar a **fazer da religiosa uma pessoa adulta**. Já não há mais lugares em nossas casas para as meninas. Na profissão, na vida de fé, na vida consagrada e apostólica, precisa-se de Irmãs adultas, isto é, capazes de assumir por si mesmas seus próprios problemas diários. O estudo das bases doutrinárias, a formação do espírito e do julgamento tem a prioridade sobre o aprendizado de soluções pré-fabricadas.

Uma formação dada “em Igreja”. A jovem citada acima dizia com amargura: *“Serei sempre incapaz de pensar em ‘Congregação’ antes de pensar em ‘Igreja’”*. E como é bom!

É desde o noviciado que deve se verificar a inserção na Igreja por meio da congregação. A formação deve “ajustar-se” ao ensinamento atual da Igreja; ela deve beber nela a atualidade e a iluminação de suas fontes. Cumprir à mestra de noviças deve realizar, em seu ensinamento, esta síntese entre o espírito dos Fundadores e a voz da Igreja, sem esquecer a Igreja nacional que se torna cada vez mais uma realidade constituída.

Evidentemente nestas condições, nossas jovens não só respirarão à vontade em nossos noviciados, mas ainda que a formação não seja uma deformação, e as prepare para sua futura inserção na Igreja local onde elas vão trabalhar.

Uma formação aberta à vida. Haveria muito a dizer. Digamos que a condição essencial é a escolha de mestras de noviças. Que tenham experiência do humano e que elas mesmas tenham realizado sua própria síntese: Vida religiosa - vida apostólica.

Mais do que uma organização do ensino, é uma assimilação de todo o aprendizado que deve formar a noviça para que ela faça de todo o humano que está na base de sua vida concreta, a trama de sua vida espiritual.

Evidentemente, há também um método: informação sobre os grandes problemas regionais e mundiais, reflexão sobre os acontecimentos sociais e outros, etc.

Formação inter-congregacional a partir das Uniões

Eu diria apenas uma palavra sobre a **colaboração das congregações entre si** em vista da formação de seus membros. É preciso mencioná-lo e dada a evolução da vida religiosa dentro do país. É **essencial**.

Desta colaboração já nasceram um bom número de realizações concretas e prósperas; tais como a escola de formação psico-pedagógica para educadoras especializadas, e a escola católica dos quadros de enfermeiras cuja direção é inter-congregacional; além disso, criou-se toda uma corrente geradora de iniciativas nacionais ou diocesanas: sessões ou cursos de formação doutrinal, profissional ou pastoral.

Estas iniciativas surgem geralmente das Federações especializadas cujo maior benefício é a possibilidade de intercâmbios e de colocação em comum das iniciativas de cada Congregação, o que permite uma discreta, mas indispensável inter-formação. Pode-se citar rapidamente a ação da União das Superiores Maiores em favor das Congregações pouco numerosas; depois de vários anos, são organizadas jornadas para elas; aí elas estudam os seus problemas dentro do maior respeito à liberdade de cada uma. Estes encontros facilitaram a organização de noviciados comuns, e até mesmo algumas uniões de Congregações cuja situação numérica não permitia esperar um ressurgimento.

As Federações são também um meio de agrupamento no plano nacional e diocesano. Elas não são organismos dobrados em si mesmos e visam somente seu próprio desenvolvimento, mas elas devem se tornar cada vez mais meios de contato e de união com a hierarquia, sobretudo com as autoridades civis. Elas permitem de maneira organizada o encontro e a abertura ao espírito e às diretrizes da Igreja nacional ou diocesana. As Congregações francesas devem em grande parte às Federações por haver mantido o contato com a Igreja, haver recebido seu ensinamento, absorvido seu espírito, e de ter, a seu exemplo, começado uma evolução que se deve continuar. De maneira pouco visível, mas certa, impregnaram-se pouco a pouco do espírito de nossos bispos graças aos escritos e conselhos das Federações, graças ao entusiasmo dos sacerdotes delegados das mesmas. As Congregações sabem o quanto devem à Igreja de França.

PROBLEMAS DE SITUAÇÃO

E ainda, existe um problema de situação que é necessário abordar; pois, a final, se não o ajustamos, todos os esforços de adaptação e de formação serão em grande parte vãos. Reduzo-o em três grandes linhas:

A diminuição numérica

O número de religiosas diminuiu na França de maneira importante e rápida. Uma única cifra basta para poder perceber a situação; em cinco anos, há seis mil religiosas de menos. Resumindo, o fato se traduz pelo fechamento de mais ou menos seiscentas casas; porque, depois de longos anos, todas as comunidades foram reduzindo seu número até o limite do impossível.

As entradas cobrem apenas um terço dos falecimentos. Devemos assinalar, no entanto, que se o número diminuiu, por outro lado o valor humano das candidatas é superior. Eu não ousou falar do valor cristão, porque, apesar do aumento das exigências espirituais, a falta de formação cristã básica é uma das grandes dificuldades de nossos noviciados.

Crise de confiança

Constitui o sofrimento mais agudo para a maioria das religiosas. Apresenta-se sob duas formas:

- dúvida do valor apostólico das instituições de ensino ou de caridade (incluo sob este termo todas as atividades sanitárias e sociais);
- dúvida do lugar da religiosa nas tarefas que os leigos realizam tão bem quanto elas. Seu papel, diz-se, é rezar; no máximo tolera-se uma substituição eventual.

E o que é particularmente doloroso não é a opinião dos não-cristãos, todavia muito favorável, mas a opinião de militantes cristãos e, sobretudo, do clero.

É em todos os pormenores da vida que devemos suportar este tipo de reprovação e ensinar às nossas jovens Irmãs a superá-los. Como explicar-lhes que depois de terem sido honradas com a mais absoluta confiança pelos seus sacerdotes quando trabalhavam com eles como leigas, encontram-se agora cercadas de reticências porque se apresentam como religiosas? Como fortalecê-las contra a dúvida que não pode deixar de acometê-las quando elas escutam, por exemplo, um sacerdote dizer numa assembléia de jovens: “Vocês não gostariam do mesmo modo se tornarem ‘boas Irmãs’?”

Eu sei que uma reação já se vislumbra. Mas, quanto tempo será necessário para mudar a opinião? As religiosas desejam entrar em diálogo e colaboração com os leigos e o clero.

Opções necessárias

Elas tornam-se indispensáveis pela diminuição numérica, por um lado, e pela evolução pastoral, por outro.

Todas as Superiores Maiores sofrem neste momento uma tentação permanente (pelo menos aquelas as quais a polivalência do Instituto o permite): “visto que agora se estima unicamente o apostolado direto, já que atrai o maior número de vocações e visto que apresenta muito menos dificuldades, retiremo-nos dos Colégios e dos Hospitais e dediquemo-nos ao apostolado nos bairros de uma maneira ou de outra... ou ao catecismo, etc.”.

Mas logo surgem grandes problemas: é o abandono do mundo escolar, o abandono do mundo dos doentes, dos meios sanitários e sociais, de todas as suas ramificações nos organismos nacionais e internacionais. Haverá realmente leigos cristãos para assumir nossos trabalhos? E, embora isto aconteça, a vida religiosa não tem seu papel específico a realizar nestes lugares privilegiados do sofrimento humano que são os hospitais, hospícios, etc. e na formação da infância e da juventude?

Cada uma de nossas Congregações e cada uma de nossas religiosas, em seu lugar, vive mais ou menos esta dura angústia. O campo de ação das religiosas se restringe cada dia na França; algumas opções tornam-se indispensáveis. Sua presença não pode e não deve ser mantida se não é realmente valiosa. É necessário escolher entre as tarefas: (cuidados dos doentes a domicílio, hospitais, serviços sociais, anciãos, crianças em perigo) e entre os postos: postos de responsabilidade que têm uma maior influência no estabelecimento, ou postos secundários, mas mais próximo dos doentes ou das crianças. Sem minimizar o papel da “imaginação criativa, fruto do Espírito Santo”, que devemos desejar a todas as Superiores, nós não temos o direito de tomar sozinhas decisões cuja propagação arrancaria à força uma opção da Igreja de França.

E esta opção corre o risco de ser fruto do azar se não for empreendida em plano geral. Sem tratar de atentar contra o fim particular de cada Congregação, esperamos que nossos Bispos nos orientem nas tarefas mais urgentes e que nos digam o que a Igreja de França espera das forças religiosas, ainda consideráveis, das quais ela dispõe. Desejamos ardentemente que se estabeleça um sistema eficaz de relações entre a hierarquia e representantes das diversas Congregações.

Enfim, não é necessário dizer que se nossos Bispos não adotarem uma postura quanto à necessidade da vida religiosa nos setores de ação que eles determinaram, esta irá se definindo. A vida religiosa não é uma realidade isolada, que se preocupa e se mantém unicamente para si. Ela só pode viver se estiver unida à Igreja e querida eficazmente por Ela; se a Igreja, se os bispos criam uma opinião em torno dela; se faz ouvir seu apelo aos lares cristãos, às jovens que pretendem doar-se a Deus, como o apelo a uma tarefa da Igreja.

Finalmente, nada se fará sem a vontade dos bispos; são eles os que detêm entre suas mãos o destino da vida religiosa na França.

(continua)

Irmã Claire HERRMANN
Serviço dos Arquivos

Notas

1 Documentação Católica p. 1499

2 História do Concílio Vaticano II, Tomo 1 – Le Cerf

3 Documentação Católica de setembro de 1964, p. 1171

PLANO DA CONFERÊNCIA DE MÈRE GUILLEMIN AOS BISPOS DE FRANÇA EM ROMA

OS PROBLEMAS DA VIDA RELIGIOSA DE VIDA ATIVA

Eles são os mesmos:

- do homem contemporâneo,
- do cristão engajado no mundo.

Eles têm um aspecto específico vindo da Consagração, da vida regular.

São:

- de ordem profissional,
- de ordem religiosa,
- de ordem apostólica.

O problema do recrutamento é uma consequência do que acaba de ser dito.

O problema da adaptação que deve se traduzir por mudanças externas das quais algumas são bastante fúteis: hábitos, supressões de usos antiquados e outros de grande importância: vida e fórmulas de orações, modo de relações com o mundo... é em sua essência um problema de conversão, isto é de reversão de posições de espírito, às vezes seculares, mas que vem distorcer a inspiração primeira dos Fundadores, e o rosto que a Igreja quer apresentar ao mundo de hoje.

A religiosa é levada a passar:

- de uma posição de posse a uma posição de inserção
- de uma posição de autoridade a uma posição de colaboração
- de um complexo de superioridade religiosa a um sentimento de fraternidade
- de um complexo de inferioridade humana a uma participação direta à vida
- de uma preocupação de conversão moral a uma preocupação missionária.

LOGO, DOIS PROBLEMAS BÁSICOS:

O verdadeiro problema é o da formação, e tudo deve ser sacrificado por ele. Os outros serão solucionados a partir dele:

- Formação no seio das comunidades
- Formação das Inter-congregacional a partir das Uniões.

Mas existe um problema de situação, e este só pode ser resolvido a partir dos Bispos. Cabe a eles dizer como desejam usar as forças religiosas da Igreja de França.

- Apostolado direto ou indireto... inserção nas periferias.
- O que as religiosas representam na França, hoje; elementos estatísticos. Posições profissionais e oficiais.

Engajamento da religiosa de vida ativa.

- Apesar de sua posição de “separação”, não está ela numa situação privilegiada de proximidade ao mundo?
- Como chegar a uma verdadeira inserção na Pastoral?